



SOLA SCRIPTURA

RECURSOS PARA QUEM DESEJA MANEJAR BEM A PALAVRA DA VERDADE

Em 1517, o frade agostiniano **Martinho Lutero** (1483-1546), involuntariamente desencadeou um movimento que transformaria radicalmente o mundo ocidental. Esse movimento, que veio a ser conhecido como a **Reforma Protestante**, gerou implicações religiosas, políticas e sociais sem precedentes. Por isso mesmo, é difícil resumir a reforma protestante em alguns pontos fundamentais. Entretanto, apesar de simplista, eu creio ser possível afirmar que as reivindicações de Lutero podem ser sintetizadas na popular tríade:

Sola Gratia - Sola Fide - Sola Scriptura.

De fato, podemos afirmar que a tradição Protestante tem sido fundamentada nesses três pilares. Pelo menos deveria ser assim, mas infelizmente isso nem sempre tem acontecido.

Eu creio que a necessidade de erguemos a bandeira do **SOLA SCRIPTURA** é quase tão vital e urgente hoje, quanto o era nos dias de Lutero. De certa forma podemos dizer que precisamos de uma nova **REFORMA**.

O trabalho que você tem em mãos faz parte de uma série de recursos, cujo firme propósito é defender e propagar a suficiência da Palavra de Deus, de acordo com os princípios e dinâmicas da Teologia Dispensacional.

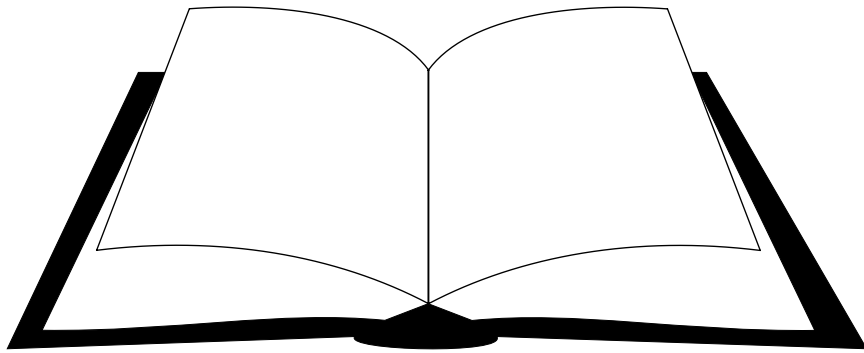
O Que Nós Cremos

Por Charles F. Baker

Para obter uma lista completa de nossos materiais de estudo bíblico ou para tirar suas dúvidas sobre a Palavra de Deus, escreva para:

Sola Scriptura
Caixa Postal 4112 - Boa Viagem
Recife, PE - Cep. 51021-970

O Que Nós cremos



Por Charles F. Baker

**Tradução: Jule Rose Rocha Rios
Pr. Urian Rios**

Revisão: Pr. Urian Rios

Amados irmãos, esse trabalho é feito com amor e dedicação para a glória de Deus. Portanto, lembramos que fazer cópias desse material é ilegal e anti-ético. Caso necessite cópias adicionais favor entrar em contato conosco.

O Que Nós cremos...

Sobre A Bíblia

As Escrituras do Velho Testamento e Novo Testamento são verbalmente inspiradas por Deus, infalíveis em seus escritos originais, e autoridade suprema e final na fé e prática da Igreja (II Tm. 3: 16,17; Hb. 1:1-3; 9:12,13; II Pe. 1:20,21)

Isto é praticamente a reiteração da afirmação de Paulo: “**toda a Escritura é divinamente inspirada**” ou mais literalmente, “soprada” por Deus. cremos que a Bíblia é completa e inteiramente divina, que é verdadeiramente, a Palavra de Deus. cremos também que ela é inteiramente humana, na medida em que todas as suas palavras foram escritas por homens, como Pedro afirma em I Pedro 1:20,21. Ela é perfeitamente humana e perfeitamente divina, assim como o nosso Senhor Jesus Cristo.

Rejeitamos totalmente as teorias da alta crítica literária, que atribuem a vários livros da Bíblia datas muito posteriores do que indica naturalmente a sua evidência interna, ou negam a declarada autoria destes livros. Tais ensinamentos, na prática, negam a singular inspiração que a Bíblia reivindica para si.

A Bíblia não é apenas divinamente inspirada em seus escritos originais - é também proveitosa. É muito importante enfatizar este ponto, especialmente considerando-se que a Bíblia veio a existir como uma revelação progressiva de Deus. A Bíblia é um livro dispensacional. Muitas passagens deixam claro que nem toda a Bíblia é dirigida a, ou escrita sobre o mesmo grupo de pessoas. Certamente nenhuma das epístolas do Novo Testamento foi escrita a pessoas que viveram antes da vinda de Cristo, como também, os livros do Velho Testamento não foram dirigidos àqueles que vivem na presente dispensação. Baseados neste fato, alguns afirmam que as porções da Bíblia que não foram escritas para nós, devem ser descartadas. Essa acusação tem sido feita contra aqueles que reconhecem o caráter dispensacional da Bíblia. Alguns chegam ao ponto de acusar o dispensacionalista de destruir a Bíblia tão eficazmente quanto o modernista, apenas usando um outro método. Afirmam que o dispensacionalismo é muito pior do que a infidelidade aberta, por começar afirmando piamente a inspiração divina da Bíblia, mas terminando por cortá-la em pedaços. Assim, afirmam, pessoas sinceras são seduzidas por este ensinamento, apenas para descobrir no final que não sobrou nada da Bíblia.

Somos tão enfáticos quanto qualquer outro em denunciar qualquer sistema que descarte qualquer porção da Bíblia. cremos que o maravilhoso, divino caráter da Bíblia é visto no fato de que, enquanto as suas várias partes foram escritas no transcurso de muitos séculos e a pessoas sob diferentes Dispensações do governo de Deus, TODA ela é proveitosa para nós hoje. Somente um livro divinamente inspirado poderia possuir tal caráter. A própria Escritura é clara a respeito disto: ela é “**proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda boa obra.**”

DEVE SER “MANEJADA” CORRETAMENTE

O apóstolo Paulo, a quem foi confiada a dispensação do mistério e em cujas epístolas encontramos esta revelação peculiar, afirma que tudo o que foi escrito anteriormente é para a nossa admoestação, sendo portanto proveitoso para nós (I Coríntios 10:11). Qualquer um que manipule a Palavra a fim de descartar qualquer porção, erra grandemente, não conhece a verdade e evidentemente não maneja corretamente a Palavra da verdade.

Entretanto, não manejar corretamente a Escritura resultará em grande confusão. Praticamente todos os cristãos reconhecem a necessidade de se dividir entre o Novo e o Velho Testamento. Quem afirmaria que os mandamentos da Lei de Moisés concernentes ao oferecimento de sacrifícios de animais ou a prática da circuncisão são para os crentes de hoje? Alguns diriam que estes mandamentos do Velho Testamento foram substituídos por novos e que nós hoje estamos apenas sob a obrigação de obedecer aos mandamentos do Novo Testamento. Mas, o que realmente é o Novo Testamento?

Nos quatro Evangelhos e no livro de Atos, os quais estão incluídos nos vinte e sete livros que formam o chamado Novo Testamento, encontramos muitos mandamentos e práticas que essas mesmas pessoas não obedecem, da mesma maneira que não obedecem àqueles do Velho Testamento. Vender tudo e ter todas as coisas em comum, obedecer àqueles que se assentam no trono de Moisés, sair pregando sem ouro ou prata ou mesmo sem uma provisão básica como uma roupa extra, matar e comer o cordeiro pascal,

curar os enfermos, purificar os leprosos, expulsar demônios e ressuscitar os mortos - todos estes são mandamentos e práticas contidos no livro que chamamos de Novo Testamento.

DISTINÇÕES NECESSÁRIAS

É evidente, à luz das declarações acima e de muitas outras declarações semelhantes, que para manejar corretamente a Palavra devemos reconhecer outras distinções além das duas divisões principais da nossa Bíblia. Qualquer pessoa que leva a sério o estudo da Bíblia, deve admitir que o Velho Testamento somente iniciou-se com Moisés, aproximadamente mil e quinhentos anos antes de Cristo e pelo menos dois mil e quinhentos anos após Adão. Portanto, Gênesis não contém nada do Velho Testamento. Da mesma forma, é necessário reconhecer que o Novo Testamento foi estabelecido no sangue de Cristo, de modo que a maior parte dos quatro Evangelhos não está sob o Novo Testamento.

Revindicamos contudo, que reconhecer tal distinção não é suficiente para manejar corretamente a Palavra da Verdade. O livro de Atos, que certamente está sob o Novo Testamento, pois é posterior à morte e ressurreição de Cristo, contém muitos elementos que não são praticados ou ensinados por muitos cristãos evangélicos hoje: línguas, curas, milagres, ressurreição de mortos, batismo com água para a remissão de pecados, ter todas as coisas em comum e até mesmo pregar apenas aos judeus, são elementos encontrados na primeira metade deste livro. É verdade que o movimento Pentecostal moderno esforça-se para reproduzir estas manifestações miraculosas, mas com resultados obviamente duvidosos. Mas, por que a maioria dos evangélicos não inclui estas coisas em seu programa religioso e espiritual, se elas pertencem ao chamado Novo Testamento?

A SINGULAR VERDADE DO MISTÉRIO

A única divisão das Escrituras que atende a todas as condições e harmoniza toda a Bíblia, é a que leva em consideração a singular revelação da dispensação do mistério. A Nova Aliança foi profetizada em Jeremias 31:31 e é parte do plano divino que será consumado quando Jesus Cristo reinar como Rei de Israel e Rei dos reis aqui na terra. Todo o Velho Testamento profetiza a respeito deste reino glorioso. Os quatro Evangelhos apresentam o reino como estando próximo. A parte inicial de Atos mostra a necessidade dos sofrimentos de Cristo e a introdução da Nova Aliança antes que o reino pudesse ser estabelecido e, posteriormente, oferece este reino a Israel sob a condição de arrependimento nacional. Entretanto, o livro de Atos é também um registro da rejeição final do Messias e do Seu Reino por parte de Israel, e da ação de Deus escolhendo e enviando um novo apóstolo com uma nova e singular dispensação. As epístolas de Paulo contêm essa nova revelação do Cristo ressurreto e glorificado. Essa revelação é descrita como um Mistério, não revelado aos filhos dos homens em outras épocas e gerações. Portanto, ela é singular e diferente daquele grande corpo de verdade que verá a sua consumação no reino milenar. Cremos, como o Dr. C. I. Scofield, que somente nos escritos de Paulo “*encontramos a doutrina, a posição, o andar e o destino da igreja*” desta dispensação (Scofield Reference Bible, pág. 1252). Isto quer dizer que as epístolas de Paulo contêm as instruções específicas para os crentes hoje.

Resumindo: cremos que toda a Bíblia é verbalmente inspirada em seus escritos originais; que ela é proveitosa em sua totalidade para nós hoje, mas não necessariamente proveitosa para a mesma coisa em todas as suas partes. Cremos que para uma compreensão inteligente da Bíblia devemos obedecer a ordem divina de manejá-la bem. Cremos que para fazer isto devemos não apenas reconhecer as várias dispensações sob as quais Deus colocou o Seu povo Israel em relação ao reino Messiânico terreno, mas devemos também distinguir claramente tudo isto do presente propósito de Deus para o Corpo de Cristo (o “mistério”). Cremos ainda que toda a revelação paulina é a completa revelação para o Corpo de Cristo. Negamos, portanto, o que alguns ultra-dispensacionalistas afirmam, ou seja, que as primeiras epístolas de Paulo não são dirigidas aos membros do Corpo de Cristo nesta dispensação. Cremos que qualquer confissão de fé na inspiração divina da Bíblia que não reconheça estas distinções estabelecidas por Deus, resultará em confusão para o crente hoje em seu entendimento da vontade de Deus, em sua prática e em sua mensagem.

Crems também na suprema autoridade da Bíblia, isto é, que a sua autoridade em assuntos de fé e prática é completa e final. Ela é o tribunal superior para onde devemos levar todas as questões de fé e moral para a decisão final. A história, os conselhos, e os credos da igreja podem conter muitas verdades, mas não são, em nenhum sentido, fundamentos para a autoridade do que é a verdade. “A tua Palavra é a Verdade.”

O Que Nós Cremos...

Sobre A Natureza Divina

Há um só Deus, existindo eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Dt. 6:4; 28:19; Jo. 10:30; II Cr. 13:13; Tt. 4:4-6; 1 Tm. 2:5; Hb. 9:14)

Enfatizamos esta verdade, pois alguns que defendem uma interpretação dispensacional da Escritura são unitarianos no que concerne a Natureza Divina, negando a divindade do nosso Senhor Jesus Cristo e a personalidade do Espírito Santo. Satanás tem usado tais pessoas para afastar sinceros santos de Deus do estudo ou da aceitação da verdade dispensacional, fazendo-os acreditar que há uma conexão entre o dispensacionalismo e a negação da Trindade e que, se alguém aceita a verdade dispensacional, logicamente terminará negando a divindade de Cristo.

Não há qualquer relação entre a verdade dispensacional e o unitarianismo. Na longa história do unitarianismo, desde Ário em 325 A.D., até o presente, não há qualquer evidência que a verdade dispensacional levou alguém a abraçar esta heresia. Na verdade, duvidamos seriamente se algum unitariano sequer reconheça a verdade dispensacional. Satanás, sabendo que a singular mensagem da graça de Deus para esta presente dispensação só pode ser reconhecida através da interpretação dispensacional da Palavra, procura certificar-se que, sempre que uma tentativa é feita para recuperar esta verdade preciosa, os seus emissários apareçam com uma heresia para contaminar a mensagem, confundindo assim as mentes de crentes sinceros e colocando-os contra a única coisa que pode trazer-lhes a plenitude do entendimento do mistério de Cristo.

Sendo que ninguém que professa ser um teísta nega a divindade de Deus Pai, não nos deteremos em defender esta verdade, exceto para apontar o fato óbvio de que, se Deus o Pai é eterno, então necessariamente deve haver um Filho eterno para manter esta relação eterna. Deus Pai é primeiro e antes de qualquer coisa, o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo (Ef. 1:3; Cl. 1:3; II Cr. 1:3; I Pe. 1:3). Além disto, ele é o Pai de todos os que crêem no Senhor Jesus Cristo (Gl. 3:26; Rm. 1:7; 8:15, II Cr. 1:3, Ef. 1:2). Nas Escrituras, Deus é apresentado como o Criador de tudo que há, mas nunca como o Pai de todos os homens. Desde a queda do homem, ou pelo menos desde a vinda de Cristo ao mundo, todos os homens não salvos são representados como tendo Satanás por pai (Jo. 8:42-44; Ef. 2:2; 5:6; Cl. 3:6). Se houvesse algo como a paternidade universal de Deus, não haveria lugar para a doutrina do novo nascimento.

Cremos que as Escrituras claramente ensinam a perfeita humanidade e a perfeita divindade do nosso Senhor Jesus Cristo. A doutrina da Trindade pode ser insondável para a finita mente humana, mas qual é a verdade, até mesmo na natureza ao nosso redor, que não está além do poder de alcance da mente humana? Um livro de ciência de nível universitário, publicado em 1953, tentando descrever um elétron, afirma:

A partir de cada experiência tentamos obter uma fotografia, um modelo mecânico em termos comuns, que nos ajude a entender o comportamento dos elétrons. Mas temos nós alguma garantia de que, um modelo baseado em experiência comum, pode ser aplicado a partículas com um diâmetro de menos de mil bilionésimo de centímetro? Não é concebível que o elétron é algo impossível de retratar-se com conceitos do dia a dia, algo que, em uma experiência pode atuar como uma partícula e em outra como uma onda? A pergunta que fizemos no início desta seção, “o elétron é uma onda ou uma partícula?” não tem sentido, pois nenhuma experiência pode ser idealizada para nos dar a resposta. (Fundamentals Of Physical Science, por Krauskopf pags. 328, 329).

Se o infinitésimo desafia o nosso poder de definição e de descrição, evidentemente o Infinito fará o mesmo. Não entender como o Pai, o Filho e o Espírito Santo podem ser um Deus, não nos dá o direito de rejeitar essa verdade da revelação de Deus, assim como não podemos rejeitar a revelação da natureza de que a luz e os elétrons exibem características tanto de partículas como de ondas, o que representa uma aparente contradição.

As Escrituras contêm provas incontestáveis de que há um só Deus (Dt. 6:4, Is. 44:6-8; I Tm. 2:5,1; I Co. 8:4). Do mesmo modo, não há dúvida de que as Escrituras falam de três como sendo Deus. O Pai é chamado de Deus em Romanos 1:7; o Filho é chamado de Deus em Hebreus 1:8; João 1:1; Romanos 9:5; I João 5:20 e Tito 2:13; O Espírito Santo é chamado de Deus em Atos 5:3,4. Esses três - Pai, Filho e Espírito Santo - não são meramente três modos ou ofícios nos quais Deus manifestou-se em épocas diferentes, como ensinou Sabellius, mas sim três Pessoas distintas, muitas vezes mencionadas em conjunto, como em

Mateus 28:9 onde lemos, “**em nome (e não nomes) do Pai, e do Filho e do Espírito Santo**”. Paulo costuma mencionar estas três Pessoas em conjunto em muitas de suas epístolas, como por exemplo na bênção de II Coríntios 13:13: “**A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós**”.

Todas as tentativas de racionalizar a doutrina da Trindade têm falhado. Entretanto, Nathan R. Wood em seu livro, *The Secret of the Universe*, trouxe à luz alguns fatos muito úteis, mostrando que a criação revela de muitas maneiras o caráter do seu Criador. Ele mostra que há apenas três elementos básicos que compõem o Universo: espaço, matéria e tempo. Por sua vez, cada um destes manifesta uma marcante triunidade. Todo o espaço está contido em comprimento, profundidade e altura. O espaço possui uma triunidade absoluta. Sem qualquer uma dessas três dimensões, o espaço deixaria de existir. Contudo, o espaço é genuinamente um, tendo o mesmo tipo de unicidade que encontramos na Trindade. Todo o espaço é comprimento; todo ele é altura; todo ele é largura. Cada dimensão é o espaço todo. Portanto, na Trindade, cada pessoa é o Deus todo e não apenas parte de Deus. O mesmo tipo de três-em-um pode ser visto na matéria e no tempo. Estes elementos não são ilustrações da Trindade, mas servem para mostrar como a Triunidade da Divindade se manifesta nas obras da criação.

A DIVINDADE DE CRISTO

Como cristãos, e especialmente como defensores da teologia Paulina, a mais importante e fundamental doutrina bíblica é a divindade de Cristo. cremos que “**Jesus Cristo foi concebido pelo Espírito Santo e nascido da virgem Maria, sendo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem**.” (Mt. 1:18; Lc. 1:35; Jo. 10:30; Rm. 1:3,4; Fl. 2:6-9)

A dificuldade de se compreender esta doutrina parece advir do título “O Filho Unigênito”. Se Ele é o Filho unigênito, como pode ser eterno? Já vimos que o Pai não pode ser mais eterno do que o Filho, mas é importante entender que os termos unigênito e primogênito não têm necessariamente a ver com geração em tempo, mas são títulos de privilégio. Quando Colossenses 1:15 afirma que Ele é o primogênito de toda a criação, não quer dizer que ele foi a primeira criatura a nascer, pois o versículo seguinte claramente afirma que Ele existia antes de todas as coisas criadas e que Ele mesmo criou todas as coisas. Primogênito, nas Escrituras, é um título de herança e de liderança. É apenas uma outra maneira de dizer que Cristo é o herdeiro de todas as coisas (Hb. 1:2). Em conexão, o Salmo 89:27 é bastante esclarecedor. Deus, falando neste salmo Messiânico diz: “**Fá-lo-ei, por isso o meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra.**”

A doutrina Paulina da salvação exige um Salvador divino. A idéia de um mero homem bom tornando-se pecado por toda a humanidade, de Deus punindo um homem bom no lugar do culpado, é antiética e repulsiva. O liberal, que nega a divindade de Cristo, está certo ao acusar a doutrina Paulina da salvação de antiética. Entretanto, o liberal está errado a respeito da divindade de Cristo e, portanto, errado ao criticar a morte de Cristo como sacrifício substitutivo por nós. Aquele que morreu na cruz do Calvário não era apenas um homem - era Deus manifesto em carne. Foi Aquele contra quem todos nós pecamos que tomou o nosso lugar. Não pode haver objeção, do ponto de vista ético, de o próprio Deus pagar a dívida levando o nosso pecado; e foi exatamente isso que Ele fez, na pessoa de Jesus Cristo.

Há um verso nas Escrituras, Hebreus 13:8, que prova a divindade de Jesus Cristo e sugere os aspectos dispensacionais envolvidos na encarnação: “**Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.**” Este não é outro senão o Deus a quem o salmista clamou: “**Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.**” (Sl. 102: 27). Ele é Imutável, contudo mudou. Ele certamente mudou Sua forma, pois depois de haver subsistido eternamente na forma de Deus, mudou Sua forma no tempo, assumindo a forma de homem (Fl. 2:6-8). Ele viveu na terra aproximadamente trinta e três anos em um corpo de carne e sangue e depois morreu para reconciliar o mundo com Deus. A morte e a ressurreição trouxeram ainda uma outra mudança, e agora, embora antes tenhamos conhecido “... **a Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo.**” (II Cr. 5:16). Enquanto estava na terra, Ele apresentou-Se como o Rei de Israel. Agora, assentado à direita de Deus no céu, Ele tornou-se o Cabeça sobre todas as coisas para a Igreja que é o Seu Corpo (Ef. 1:22,23). Ele é imutável em sua divindade essencial, mas em sua humanidade e em suas relações dispensacionais com Israel e o Corpo, certamente grandes mudanças ocorreram. É nosso desejo e missão ajudar os crentes a ver estas mudanças e distinções, a fim de que possam entender “... **qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos.**” (Ef. 1:18,19).

O Que Nós Cremos...

Sobre a Depavação Total

O homem foi criado à imagem de Deus, mas pecou, sendo condenado à morte do corpo e do espírito. Todos os homens nascem com uma natureza pecaminosa, sendo portanto, totalmente incapazes de agradar a Deus. (Gn. 1:27; 3:6; Ec. 7:20; Rm. 3:9-12, 25; 5:12, 21; 6:23; I Cr. 1:18-31; Ef. 2:1-3; Hb. 2:9; I Jo. 2:2)

A doutrina da Depavação Total dificilmente pode ser considerada dispensacional, pois o homem se encontra nesta condição desde a queda no Éden. Mas, um estudo cuidadoso da Escritura, mostrará que esta doutrina manifesta-se totalmente na revelação divina confiada ao Apóstolo Paulo para esta dispensação da graça de Deus. Na verdade, é claro a qualquer estudante atento da Palavra, que o completo esplendor da glória da graça de Deus somente pode ser demonstrado em contraste com a condição humana de completa perdição e desespero. Portanto, quanto mais paulino alguém for em sua teologia, mais lutará por esta verdade. Por outro lado, quem se opõe ao ensinamento da natural depavação total do homem, pode também ser considerado anti-paulino. Há muitos que professam crer na depavação do homem, mas que, por pregarem as obras humanas como fator na salvação, na prática negam este fato.

PADRÕES HUMANOS OU DIVINOS?

Ao afirmar que o homem natural é totalmente depravado, não queremos dizer que todo homem é escravo de todo pecado conhecido, ou que pela prática seja o pior pecador possível, ou que seja destituído de consciência, ou que não tenha nenhuma habilidade de fazer algo útil e generoso, quando julgado por padrões humanos. É evidente que o não-salvo é capaz de muitos atos de decência e honestidade, de filantropia e de boa vontade. Enquanto que, muito da bondade humana é vista em ambientes de conotação cristã, permanece o fato que pessoas não salvas possuem desejáveis e agradáveis qualidades de caráter. O homem natural é capaz de ser altamente religioso, de restringir os seus apetites carnis e até mesmo de imitar tão bem a vida cristã, a ponto de enganar a muitos. Então, se é possível a um não-cristão viver exteriormente uma vida moral melhor do que alguns cristãos, como podemos falar sobre depavação total e onde fica a tão falada superioridade da vida cristã?

Em resposta à última questão, devemos enfatizar que o cristão possui tanto a sua velha depravada natureza, quanto a nova natureza. A velha ainda é capaz de manifestar-se e inevitavelmente manifestar-se-á, a não ser que o cristão esteja vivendo conscientemente no poder do Espírito de Deus, o qual habita em seu coração, e na vitória sobre o pecado por meio da sua crucificação com Cristo.

Em resposta à primeira questão, lembramos que o cristianismo não é meramente moralidade. Evidentemente é o mais ético e moral de todos os sistemas conhecidos pelo homem - contudo, é mais do que isto. Cristianismo é vida com Deus. Significa a eliminação da inimizade, a remoção de toda barreira, a perfeita reconciliação do homem com Deus, de modo que a sua vida e ações possam ser agradáveis e aceitáveis a Deus.

O homem natural é justamente o oposto do que foi dito acima: não tem vida para com Deus, está morto em delitos e pecados, está em inimizade com Deus, está alienado da vida de Deus, é incapaz de agradar a Deus através de qualquer coisa que tente fazer. Estas declarações são baseadas nos fatos claros da revelação divina. O homem natural está totalmente destituído de amor para com Deus, de modo que nenhum pensamento, ato, ou emoção, pode ser aceitável a Deus. É dominado por uma preferência por si mesmo e não por Deus. É incapaz, por qualquer ato de sua vontade, de moldar a sua vida e o seu caráter conforme o santo padrão de Deus.

DEPRAVAÇÃO PRODUZ JUSTIÇA PRÓPRIA

Quando se tira a máscara de todas as religiões no mundo, vê-se que todas elas têm uma coisa em comum com o judaísmo dos dias de Paulo: **“Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.”** (Rm. 10:3). A justiça própria é o produto da natureza depravada do homem. A justiça de Deus é o dom de Deus ao pecador que crê no Evangelho, que Cristo morreu pelos seus pecados. Até mesmo o profeta Isaías contemplou de relance Cristo em Sua glória (Jo. 12:41), e entendeu que o melhor da justiça do homem não passa de **“trapos de imundície”** aos olhos de Deus (Is. 64:6). Paulo confessou que em sua carne não habitava bem algum (Rm.

7:18). “O Senhor olha dos céus para os filhos dos homens, para ver se há algum que tenha entendimento e busque a Deus. Desviaram-se todos, e juntamente se fizeram imundos; não há quem faça o bem, não há sequer um.” (Sl. 14:2,3).

DEPRAVAÇÃO SIGNIFICA INIMIZADE PARA COM DEUS

Portanto, a depravação do homem consiste no estabelecido estado da sua vontade. Podemos dizer que, no que diz respeito a Deus, a vontade do homem é um não. Todas as boas obras e atos religiosos do homem natural, são motivados não por amor a Deus mas por amor próprio. Ele pode dar milhões para caridade ou participar de longas e árduas peregrinações religiosas, mas o seu motivo não é o amor a Deus mas sim um desejo de mostrar boa aparência na carne (Gl. 6:12), ou para ser visto e honrado pelos homens (Mt. 6:1), ou talvez para tentar pagar pelos seus próprios pecados e assim beneficiar-se na vida do porvir. Deus olha o coração e não a aparência exterior. (I Sm.16:7)

Muitos que professam crer que a queda causou um estado de depravação total, afirmam também que Deus, após a queda, concedeu a toda humanidade uma espécie de graça comum ou habilidade para fazer o bem, de modo que na realidade, esta depravação natural é superada. Este ensinamento, embora não encontre apoio direto nas Escrituras, é essencial para aqueles que praticamente negam a soberania de Deus e a Sua eleição e exaltam o livre arbítrio do homem. Se o homem ainda continua totalmente depravado, como poderia alguém voltar-se para Deus e ser salvo? Portanto, se existe um “evangelho de todo aquele”, deve haver um recurso, disponível a toda a humanidade, que torne possível ao homem voltar-se para Deus. Esquemas como esse são projetados para tirar Deus de um dilema no qual Ele parece ser injusto e parcial. Todos eles terminam, contudo, em um outro dilema e comprometem o ensinamento claro da Escritura. Se Deus dá o mesmo poder capacitador a todos os homens para que sejam salvos, por que nem todos são salvos? Se Deus não possui escolha eletiva, deve ser por que alguns são naturalmente melhores que outros. Na análise final, então, todos os que são salvos podem reivindicar que foram salvos, em parte, pela graça de Deus e em parte por alguma bondade inerente. Isto nega as Escrituras e contradiz o princípio que afirma que o homem tornou-se totalmente depravado pela queda antes que a graça comum fosse dada. De onde veio esta bondade inerente que torna uns melhores do que os outros? Tal esquema nada esclarece, pelo contrário, serve apenas para exaltar o homem e para reduzir a graça de Deus.

DEPRAVAÇÃO, ELEIÇÃO E RESPONSABILIDADE

Não é nossa intenção expor aqui a doutrina da eleição, mas devemos dizer que a inabilidade do homem em agradar a Deus não é uma inabilidade física, mas sim moral e espiritual. Um homem que é um inimigo declarado de outro homem certamente não está fisicamente incapacitado a fazer o bem ao seu inimigo. Ele poderia fazer o bem se quisesse, tanto quanto ele faz aos seus amigos. Mas ele não faz e não pode fazer o bem ao seu inimigo por causa da inimizade. Do mesmo modo, **“a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.”** (Rm 8:7,8). Esta inabilidade espiritual ou depravação então, em vez de proporcionar uma desculpa para que o homem reivindique que não é responsável e que não poderia salvar-se mesmo se quisesse, é, na verdade, a causa de sua condenação. Ele poderia crer no Evangelho se quisesse, mas não quer por causa da sua inimizade para com Deus. O fato de o homem poder crer na mentira do diabo, é prova de que ele possui o poder da fé. É porque ele é errado de coração e culpado, e porque ele tem uma natureza depravada pela qual ele é responsável, que Deus pode responsabilizar e responsabilizará todo homem por não aceitar o Evangelho.

Sob tais circunstancias nenhum homem pode salvar-se à parte de uma obra especial de Deus, não importando como a chamamos. A Escritura diz: **“os que dantes conheceu também destinou... e aos que destinou, a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou, e aos que justificou a estes também glorificou”.** (Rm 8:29,30). Presciência não é Deus saber antecipadamente que pessoas teriam a bondade inerente que os faria crer, pois já vimos que tal conceito contradiz as Escrituras. Presciência abrange toda a onisciência de Deus baseada em Seus santos planos e propósitos. Com base nesta total e infinita presciência de todas as coisas possíveis e reais, cremos que Deus escolheu o que Ele viu ser o melhor e embora isto não nos seja possível compreender pois não possuímos esta presciência infinita, alguns se perderão e outros serão salvos. Aqueles que estão perdidos serão inteiramente responsáveis por sua condição de perdidos, e aqueles que são salvos, deverão a sua salvação inteiramente à livre graça de Deus.

A DEPRAVAÇÃO ENFATIZADA SOB A GRAÇA

Antes de concluirmos este capítulo, devemos observar que a doutrina da depravação total encontra a sua completa manifestação na revelação dada a Paulo, assim como ocorre com a verdade da graça de Deus. Nos dias do Velho Testamento, Deus tinha uma nação escolhida. Ele a separou de todas as outras nações. Eles estavam perto de Deus através dos pactos (Ef. 2:12,17), enquanto os gentios estavam bem distantes. Sob tais circunstâncias seria difícil tomar toda a humanidade e dizer que não havia diferença. Jesus referiu-se aos israelitas como filhos e aos gentios como cachorrinhos (Mt. 15: 26). Certamente há uma grande diferença entre a natureza dos filhos e dos cachorrinhos. A mesma relação ainda é reconhecida por Pedro após Pentecostes em Atos 3:25, no que diz respeito a Israel.

Entretanto, após a queda de Israel e a temporária cessação dos pactos da promessa, vemos nas epístolas de Paulo como ele retrocede além de Davi e de Abraão, até chegar em Adão e mostra que toda a humanidade, judeus e gentios, compartilha da alienação que Adão trouxe sobre a raça e que todos somos por natureza filhos da ira. Agora pode se dizer verdadeiramente que não há diferença entre judeu e gentio. É evidente que durante todo este tempo o judeu teve uma natureza caída, mas ele estava em uma posição de privilégio especial. Agora o privilégio é passado, e o judeu encontra-se na posição de filho do Adão caído, e tão depravado quanto o gentio.

Por necessidade, Deus teria que trazer toda a humanidade a este lugar antes de poder tornar conhecido o ministério da reconciliação e as riquezas da Sua graça. Estas verdades são fatores singulares à revelação especial conferida ao Apóstolo Paulo. É ele quem nos informa que a rejeição de Israel resultou na reconciliação do mundo (Rm 11:15), de modo que a reconciliação não poderia ter sido manifesta enquanto Israel permanecesse desfrutando dos privilégios do pacto. É ele quem nos mostra que não há diferença entre o judeu e o gentio, quer com relação à natureza, quer com relação ao meio de salvação (Rm 3:23; 10:2; Ef. 2:3, 14,15). É ele quem nos diz que esta presente dispensação é a dispensação da graça de Deus e a dispensação do mistério (Ef. 3:2,9; Cl. 1:25-27).

Portanto, defendemos ardorosamente a singular verdade da revelação Paulina. Vemos que ela tem uma influência importante sobre cada doutrina da nossa fé cristã. Vemos com espanto toda a confusão e prejuízo resultantes de negligenciar ou rejeitar a verdade Paulina. Entendemos porque o homem natural odeia tanto a doutrina da imerecida graça de Deus, com a correspondente doutrina da total depravação do homem. Ficamos maravilhados com a graça, que na misteriosa operação de Deus, levou-nos a ver nossa condição desesperadora e operou em nós a obra da regeneração, criando em nós uma nova natureza e nos outorgando o Seu Espírito Santo, o qual também nos batizou no corpo de Cristo. A revelação singular e especial de Cristo para a humanidade hoje é aquela que Ele, do Céu, após a Sua ascensão, confiou ao Apóstolo dos gentios.

O Que Nós cremos...

Sobre A Redenção

O Senhor Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras. Todos os que nEle crêem são justificados pelo seu sangue Essa salvação completa é concedida como um dom gratuito de Deus e recebida pela fé em Cristo, à parte das obras do homem. (Rm 3:24-28; 4:4,5; 5:1,9; Ef. 2:8,9; Tt. 3:5).

Em nossa declaração doutrinária, a palavra Redenção é usada para descrever toda a obra salvadora de Deus. Sem dúvida, a grande maioria dos milhões de membros das várias denominações e seitas do cristianismo crê em algo sobre redenção ou salvação. Todos crêem que algo foi realizado por Cristo para tornar possível a salvação da humanidade. Mas há discordância e confusão sem fim quanto ao que Ele realizou por nós, e de como recebemos os seus benefícios. Portanto, iremos considerar primeiro a provisão da Salvação e depois a aplicação da Salvação.

A PROVISÃO DA SALVAÇÃO

No capítulo anterior sobre a Depravação Total da Humanidade, vimos a absoluta necessidade de salvação e a completa incapacidade do homem em providenciá-la. Portanto, a provisão deve vir inteiramente à parte da humanidade, o que equivale dizer que ela deve vir de Deus. Este fato é expresso em dezenas de conhecidas frases das Escrituras: “A Salvação Do Senhor”, “Deus É A Minha Salvação”, “O Deus Da Nossa Salvação”, “A Salvação De Deus É enviada aos Gentios”, “O Poder De Deus Para A Salvação De Todo Aquele Que Crê”, “A Graça De Deus (que traz a) Salvação”.

CONSIDERAÇÕES DISPENSACIONAIS

A doutrina da salvação, como outras doutrinas, deve ser estudada dispensacionalmente. A salvação para os santos do Velho Testamento incluía a libertação física de inimigos. Constantemente o povo de Israel era lembrado de sua libertação divina do Egito (Êx. 15:13; Dt. 7:8; 99:26; 13:5,10; I Cr. 17:21, etc). Este aspecto da redenção é perfeitamente legítimo, não apenas em referência ao Israel do Velho Testamento, mas também ao Israel do Novo Testamento. Zacarias, o pai de João Batista, cheio do Espírito Santo, proferiu estas palavras em Lucas 1:68-75:

Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo, e nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi seu servo. Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança, e do juramento que jurou a Abraão nosso pai, de conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos, o serviríamos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida.

Estas palavras divinamente inspiradas, que abrangem todos os pactos e promessas e todos os escritos dos profetas, contituem suficiente evidência que no reino terreno do Messias, redenção e salvação incluem, além do perdão dos pecados, a idéia de libertação nacional de todos os inimigos .

Deve-se observar também, que sob o Velho Testamento, tipologicamente, o resgate era por dinheiro – **“Moisés tomou o dinheiro do resgate”** (Nm. 3:49). Isto tem, sem dúvida, o propósito de demonstrar que a redenção envolve a idéia de pagamento de um resgate. Contudo, Pedro, escrevendo aos eleitos de Israel na dispersão, deixa claro que na verdade o dinheiro não poderia redimir, mas era apenas uma figura do sangue de Cristo: **“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo...”** (I Pe. 1:18,19). O livro de Hebreus também deixa isso muito claro: **“Nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”** (Hb. 9:12). Paulo, ao escrever aos membros do Corpo de Cristo, mostra que a mesma verdade aplica-se a nós hoje: **“Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça”** (Ef. 1:7; Cl. 1:14).

ATRAVÉS DE, OU APESAR DE ISRAEL?

Enquanto que no Velho Testamento, e até mesmo quando Cristo estava na terra, redenção e salvação referem-se apenas a Israel, sob o programa do Reino, essa distinção é mais ampla. No começo, é verdade

envolvia apenas Israel, mas foi planejada para beneficiar a todo o mundo através de Israel. Israel deveria ser salvo, antes que a bênção pudesse ir para os gentios. Mas na presente dispensação do mistério, a salvação foi enviada aos gentios “apesar de Israel” e para provocar ciúme em Israel. Dispensacionalmente, há ainda duas outras distinções: (1) durante o Velho Testamento, a redenção era por dinheiro e pelo sacrifício animal, mas a partir da morte de Cristo, quer sob dispensação do reino ou da graça de Deus, é pelo precioso sangue de Cristo; (2) a redenção sob o programa do reino, quer no passado ou no futuro, envolve a libertação nacional de Israel de todos os seus inimigos. Devemos observar também que Paulo refere-se ao arrebatamento como o dia da redenção (Ef. 4:30, 1:14; Rm 8:23). O dia da redenção de Israel será quando Cristo voltar à terra e libertá-los de todos os seus inimigos. O nosso dia da redenção será quando Cristo vier nos ares e levar-nos para estarmos com Ele em nossos corpos ressurretos.

Cremos, portanto, que Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, fez uma perfeita e completa provisão para a salvação, suficiente para toda a humanidade, desde Adão até o último homem que há de nascer. Cremos também que, no programa dispensacional de Deus, a redenção para Israel envolve não apenas o perdão dos pecados, mas também a libertação de inimigos políticos, de doenças e outras dificuldades materiais, enquanto que para os membros do Corpo de Cristo, as bênçãos prometidas são puramente espirituais, com a promessa da futura redenção do corpo.

A APLICAÇÃO DA SALVAÇÃO

Provisão Ilimitada, Aplicação Limitada

Ao afirmar nossas convicções sobre este assunto, devemos deixar muito claro desde o início, que não cremos que a Escritura ensine que a salvação será aplicada a toda a humanidade, abrangendo até mesmo os anjos que caíram e o Diabo. Nós negamos categoricamente os ensinamentos do Universalismo. Cremos na provisão ilimitada da salvação, mas em uma aplicação limitada. As Escrituras afirmam que alguns irão se perder. Ela também fala dos eleitos, que seria um termo sem significado, se todos fossem ser salvos.

O Catolicismo Romano, o Luteranismo e muitas denominações protestantes, podem eventualmente concordar conosco sobre a provisão da salvação - que Deus é o seu autor, que o sangue de Cristo foi o preço pago, que é impossível salvar-se à parte de Cristo. Mas o acordo termina aí. Quando perguntamos: Como esta salvação aplica-se ao pecador? Através de que meios Deus nos outorga a Sua graça? A confusão começa. O ritualista cita versículos como Atos 2:38 e insiste que o arrependimento e o batismo com água são pré-requisitos necessários para se receber a graça de Deus. Sacramentos foram inventados pela igreja para ser meios da graça, ou seja, meios através dos quais Deus outorga a Sua graça. Assim, muitos obstáculos são colocados no caminho do pecador, o qual deve desobstruí-lo antes de alcançar uma posição onde a salvação pode ser obtida.

REQUISITOS VARIADOS

Cremos que a fé tem sido sempre o requisito de Deus para o homem. “Sem fé é impossível agradar a Deus”. E isto vale para todas as Dispensações. Contudo, nas várias Dispensações, a Palavra de Deus tem exigido coisas diferentes do homem. Fé é crer na Palavra de Deus e obedecê-la. Se a Palavra de Deus diz: “Traga um sacrifício animal”, a fé traz um sacrifício. Se ela diz: “Guarde o dia de sábado”, a fé guarda o dia do Sábado. Se ela ordena a circuncisão ou a obediência a dias de festa ou jejum, a fé faz tais coisas. Sob o Evangelho do Reino, quando Cristo era um ministro da Circuncisão, e em Pentecostes, e logo após, quando o reino foi oferecido a Israel, a Palavra de Deus exigia arrependimento e batismo com água para a remissão dos pecados e portanto, os crentes em Israel arrependeram-se, foram batizados para a remissão dos pecados e receberam o poder sobrenatural do Espírito Santo.

Agora a pergunta é: qual é a Palavra de Deus para nós? A dispensação mudou desde os dias de Abel, ou dos dias de Abraão, ou dos dias de Moisés, ou dos dias de Cristo, ou dos dias de Pedro? A fé inteligente e que agrada a Deus hoje, traz sacrifícios de animais, ou observa o sábado, ou observa as luas novas e dias de festas, ou submete-se às ordenanças carnavais como comida, bebidas e várias abluções (batismos)? Poucas pessoas têm problema quando a questão é sobre sacrifícios animais; um grupo maior tem dificuldade quando a resposta relaciona-se ao sábado e a outras observâncias religiosas de festas e de jejuns, e a maioria dos crentes professos está completamente confusa no que diz respeito ao batismo. Eles podem entender como algum antigo mandamento dado a Adão ou a Moisés poderia ser rescindido, mas certamente algo dito por Cristo ou pelos doze jamais poderia ser mudado. Eles parecem esquecer que através de toda a Bíblia,

quer a Palavra de Deus tenha vindo a Adão ou a Moisés ou a nós, é a Palavra de Deus. Sem dúvida, os judeus dos dias de Paulo, vivendo 1500 anos após a Lei ter sido dada, tiveram dificuldade em entender como a lei de Moisés poderia ser substituída. Da mesma forma, pessoas que vivem hoje, uns 2000 anos após Cristo, têm dificuldade em entender como alguns dos Seus ensinamentos poderiam dar lugar a novas ordens. Mas é evidente que a mudança não ocorreu vinte séculos após os dias de Cristo, e sim apenas uns poucos anos - na realidade, dentro da mesma geração.

REQUISITOS PARA HOJE

Cremos que uma nova dispensação começou com Paulo. Cremos que antes de Paulo, todos os propósitos revelados por Deus diziam respeito ao estabelecimento do Reino Messiânico na terra, no qual Israel será a nação governante, com os Doze apóstolos assentados sobre doze tronos de julgamento e com Cristo assentado sobre o trono de Davi. Após Israel rejeitar oficialmente o reino oferecido sob o ministério dos doze no livro de Atos, Deus elegeu um novo apóstolo e lhe confiou a dispensação da graça de Deus, também chamada de dispensação do mistério, assim denominada porque esta dispensação estava oculta em Deus e não fora antes revelada ou prometida aos filhos dos homens.

Não há porque tentar conciliar a pregação de Pedro em Atos 2:38 com o ensinamento de Paulo para o corpo de Cristo, pois elas dizem respeito a duas Dispensações diferentes. E, no que diz respeito ao assunto que acabamos de tratar, ou seja, a aplicação da salvação, Paulo declara que Deus agora justifica pecadores ímpios quando eles apenas crêem no evangelho: as boas novas que Cristo morreu pelos seus pecados, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia. De acordo com o evangelho de Paulo, a salvação é oferecida independentemente de obras de justiça (Tt. 3:5), da lei (Rm 3:21), dos pactos e da intermediação de Israel (Ef. 2:11,13) e do batismo com água (I Co. 1:17). Esta mensagem é perfeitamente adaptada às necessidades do mundo ímpio e pagão do qual todos somos parte. O esquimó no norte gelado e o habitante do deserto árido, os enfermos e moribundos, os pobres e os ricos, os civilizados e os não civilizados, todos podem salvar-se pelos mesmos simples termos: fé em um Salvador crucificado e ressurreto.

Em outras palavras, cremos literalmente naquilo que Paulo declara em Efésios 2:8,9, que somos salvos pela graça através da fé, à parte das obras. Contudo, a não ser que a nossa declaração de fé seja mal interpretada por alguns, quando falamos de fé, não queremos dizer uma aceitação mental de um fato histórico. A morte e a ressurreição de Cristo são de grande importância, mas simplesmente admitir a historicidade destes eventos, não salva. Fé é uma confiança positiva e ativa no Senhor Jesus Cristo como Salvador. Ela é produzida no coração pelo Espírito Santo através da Palavra de Deus. É tão real hoje como nos dias dos milagres, sinais e prodígios. Podemos afirmar que a fé separada de todas estas manifestações exteriores é ainda maior, pois está firmada exclusivamente na Palavra de Deus, independente de qualquer sinal visível.

O Que Nós Cremos...

Sobre A Segurança Eterna

Todos os salvos estão eternamente seguros em Cristo
(Jo. 10:27-29; Rm 8:1, 29-34, 38, 39; Ef. 1:13,14; Fl 1:6; Cl. 3:1-4)

Ter vida eterna, é ter segurança eterna. Uma vida ou segurança que pode terminar é uma vida ou segurança temporária. É uma contradição falar da vida eterna chegando ao fim. Nenhum dos que são finalmente lançados na segunda morte jamais teve vida eterna. A palavra eterna sem dúvida refere-se a uma qualidade de existência, mas é uma existência que é para sempre, sem fim. Falar da vida eterna cessando um, cinco, ou cinqüenta anos após a pessoa ser salva, é como falar de um milhão de anos durando apenas um segundo.

POR QUE ESTA VERDADE É NEGADA?

Se a Bíblia afirma que Deus concede gratuitamente o dom da vida eterna àqueles a quem Ele salva (Rm. 6:23), por que então muitos cristãos professos não crêem nesta verdade e alguns até a chamam de uma “abominável heresia inventada no inferno”? Muitas razões e explicações podem ser dadas, mas cremos que a causa fundamental para esta situação estranha é a falha, da grande maioria dos cristãos em reconhecer a distinta e singular revelação contida nas epístolas de Paulo. Isto não quer dizer que vida eterna e segurança eterna encontram-se apenas nos escritos de Paulo, pois os Evangelhos e as Epístolas de João aludem abundantemente a esta verdade. Entretanto, é quando chegamos à dispensação da graça de Deus, confiada a Paulo, e vemos o que Deus fez em Cristo no Calvário, e o que Ele, pelo Espírito Santo, faz quando o pecador crê no evangelho, que podemos entender como Deus pode dar vida eterna a um pecador que pessoalmente não a merece, nem antes e nem depois de ser salvo. A verdade da vida eterna não é, em qualquer sentido da palavra, singular à revelação do mistério, mas é na revelação do mistério que o segredo do evangelho é apresentado, sem o qual, jamais poderíamos entender completamente como Deus pode outorgar a vida eterna totalmente independente das obras e méritos pessoais do ser humano.

DOIS CAMINHOS

O próprio Paulo explica os dois princípios distintos e opostos através dos quais o homem poderia aproximar-se de Deus e pelos quais a vida eterna poderia ser outorgada. Em Romanos 2:6,7 ele apresenta o método das “obras”: **“Deus recompensará a cada um segundo as suas obras: dará a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória e honra e incorrupção.”** Esta é a base da justiça de Deus. Mas Paulo mostra, no capítulo seguinte, que na realidade e por experiência, não há ninguém que esteja buscando a Deus ou que esteja fazendo o bem. Portanto, este fato exclui qualquer possibilidade de alguém obter a salvação pelas obras. Se alguém vier a obter a vida eterna, deverá ser através de outro meio. Ela deve vir como uma livre graça e um dom gratuito. E isto é exatamente o que Paulo declara: **“o dom de Deus é a vida eterna, em Cristo Jesus nosso Senhor.”** Este é o único meio de se obter a vida eterna: o meio da graça - o meio da fé.

Estes dois meios são mencionados novamente por Paulo em Romanos 4:4,5: **“Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça.”** Se alguém busca aproximar-se de Deus pelas “obras”, deverá chegar ao fim da vida e completá-las antes de conhecer o resultado, antes de saber se merece ou não a vida eterna. É impossível possuir a vida eterna antes que todas as suas obras sejam julgadas. Por outro lado, pela “graça”, Deus pode outorgar a vida eterna imediatamente àquele que crê, e é exatamente isto que as Escrituras afirmam. Nós temos (tempo presente) vida eterna. E sendo que a recebemos como um dom gratuito da graça de Deus, nem o receber nem o preservar dependem, em qualquer sentido, do mérito humano. Se dependesse do mérito humano, Deus não poderia outorgá-la até que o mérito humano fosse completamente testado e aprovado, pois já vimos que ela é de caráter eterno e seria uma contradição da parte de Deus dar algo eterno que posteriormente provasse ser temporário.

Mas a grande questão surge em nossas mentes: como Deus pode nos dar a vida eterna como um dom gratuito, totalmente à parte do que merecemos? Ou, em outras palavras: como Deus pode ser justo ao justificar pecadores ímpios? Esta pergunta é maravilhosamente respondida pela revelação Paulina do

evangelho. Veja o contexto de Romanos 3:26. Toda santa e justa acusação que Deus tinha contra o pecador, foi completamente satisfeita pela morte de Seu Filho. Ele é, portanto, perfeitamente justo ao outorgar a vida eterna a pecadores indignos, que nada fazem além de aceitar os simples termos do evangelho da graça - crer que Cristo morreu pelos seus pecados, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia. Pessoas justas, ou melhor, que supõem possuir alguma justiça própria, odeiam e desprezam tal doutrina e em seu zelo, condenam à perdição qualquer um que ensine tal heresia.

TEXTOS SUPOSTAMENTE CONTRÁRIOS À SEGURANÇA ETERNA

“Tudo isso parece lógico”, alguém diria, “mas e todos aqueles versículos na Bíblia que parecem ensinar justamente o oposto?” As Escrituras contêm muitos avisos solenes, mas afirmar que eles ensinam a possibilidade do crente perder a salvação, demonstra muito pouca sabedoria no manuseio da Palavra de Deus. Estas advertências podem ser assim classificadas:

1. Aquelas Que se Referem A Alguma Outra Dispensação. Muitas das advertências do Velho Testamento e dos Evangelhos, têm a ver não com a salvação da alma, mas com as conseqüências físicas de violar-se a Lei. Veja Ezequiel 33:13. A maldição da violação de uma lei trouxe morte física a muitos que sem dúvida eram salvos. Cristãos hoje morrem fisicamente por causa da maldição do pecado presente em seus corpos, mas isto não quer dizer que não estão salvos. Outras advertências, como as de Mateus 18:23-25; 24:13; 25:30; etc, referem-se a uma época após a igreja ter sido levada do mundo.

2. Aquelas Que se Referem A Falsos Mestres Dos Últimos Dias (I Tm. 4:1,2; II Pe. 2:1-22; Jd. 17-19; etc.). As igrejas de hoje estão cheias de pregadores assim. Eles nunca foram salvos.

3. Aquelas Que se Referem A Galardões E Não A Salvação (I Co. 3:11-15; 9:24-27; II Co. 5:9,10; Cl. 3: 24,25). A salvação é inteiramente separada das obras do homem. Portanto, ela é pela graça. Galardões são dados pela fidelidade após sermos salvos.

4. Aquelas Que Advertem Os Crentes Sobre Coisas Que Eles Podem Perder. Os crentes correm o perigo de perder muitas bênçãos do Senhor. Pecado, desobediência, falta de fé, negligência para com a Palavra de Deus ou falta de oração, podem resultar em perda de alegria, de poder, da capacidade de dar frutos, de comunhão e de galardão. Colossenses 2:4,8,18 é um bom exemplo de advertências como estas. O método de Deus lidar com estas falhas do seu povo é discipliná-los. (ver I Co. 11:32, Hb. 12: 5-11). Ele não disciplina o descrente.

5. Aquelas Que Advertem Os Descrentes. Romanos 11:21 não é uma advertência, que Deus poderá excluir alguns dos Seus santos, mas é uma advertência aos gentios, hoje em uma posição de grande privilégio espiritual, que sua contínua incredulidade fará com que eles sejam colocados de lado, assim como Deus colocou de lado a nação de Israel. Os israelitas eram os ramos da boa oliveira, mas isto não significa que todos os israelitas eram salvos, pois muitos rejeitaram a Cristo e, por causa disto, foram cortados. As nações foram enxertadas, mas isso não quer dizer que as nações estão salvas. Mas o dia virá em que as nações serão cortadas e Israel será restaurado à sua posição original. Se Paulo estivesse falando sobre salvação pessoal, seríamos forçados a concluir que os ramos naturais que foram cortados eram homens como Judas Iscariotes, e o dia virá em que Judas será salvo e enxertado novamente na árvore. Esta passagem não está lidando com salvação pessoal mas sim com privilégio nacional.

6. Aquelas Que Provam A Confissão Cristã Pelos Frutos. (Jo. 8:31; 15:6; I Co. 15:1,2; Hb. 3:6,14; Tg. 2:14,26, II Pe. 1:10; Cl. 1:23). Se houve uma obra de regeneração no coração, certamente haverá uma manifestação daquela nova vida divina, assim como o neném recém-nascido chorará ou dará alguma outra indicação de que está vivo.

Se passagens como Hebreus 6:4-6; 10:26,27; Colossenses 1:21,23; Gálatas 5:4, João 15:6 e Mateus 24:13 forem estudadas dispensacionalmente e gramaticalmente em seu contexto, veremos que elas não militam, de modo algum, contra a verdade de que todos os crentes verdadeiros têm vida eterna como uma possessão presente e eterna.

33 PROVAS ESCRITURÍSTICAS DE SEGURANÇA

Positivamente falando, o princípio da segurança eterna está apoiado nos seguintes fatos da revelação divina:

01. Se, por meio de uma fé salvadora real, cremos no Filho de Deus, temos VIDA ETERNA e nunca

pereceremos, nem seremos condenados. (Jo. 3:16,36; 5:24; 6:40,47; 10:28; Rm. 8:1; I Jo. 5:12, 13).

02. Fomos nascidos de Deus, e qualquer um nascido de Deus vence o mundo (Jo. 3:3; I Pe. 1:23; I Jo. 5:4,5).

03. Somos obra de Deus, e tudo o que Deus faz é para sempre (Ef. 2:10; Ec. 3:14).

04. Deus é poderoso para aperfeiçoar até ao dia de Cristo Jesus a boa obra que Ele começou em nós (Fl. 1:6).

05. Somos guardados pelo poder de Deus (I Pe. 1:5; Jd. 24).

06. Cristo, o grande Sumo-Sacerdote, empenha-se em salvar até o fim TODOS os que vêm a Deus por Ele; e Ele pode fazê-lo, pois vive para sempre para interceder por nós. (Hb. 7:25; Rm. 8:34).

07. Deus prometeu que os seus filhos não serão tentados além do que podem suportar, e o Senhor sabe como nos libertar da tentação (I Co. 10:13; I Pe. 2:9).

08. O Espírito Santo habita TODO verdadeiro filho de Deus, e Ele é mais poderoso do que qualquer adversário (I Jo. 4:4).

09. O Pai é maior do que todos e ninguém tem poder para arrancar-nos da Sua mão (Jo. 10:29).

10. O Senhor Jesus já obteve eterna redenção por nós (Hb. 9:12).

11. Ele é o Autor da nossa salvação eterna e o Autor e Consumador da nossa fé (Hb. 5:9; 12:2).

12. Ele nos dá esta salvação eterna como um dom gratuito que Ele próprio já pagou. Nós não merecemos o dom e portanto Ele não o tirará de nós se continuarmos sem merecimento (Rm. 6:23; 5:20; I Pe. 1:19)

13. É o pecado que nos separa de Deus, e Deus já perdoou TODAS as nossas ofensas (Cl. 2:13).

14. Não somos salvos por nossas obras de justiça, e portanto a falta de tais obras não pode causar a perda da salvação. (Tt. 3:5; Ef. 2:8; Rm. 3:28; 4:6).

15. Cristo é nosso fundamento, e este fundamento permanece. (I Co. 3:11; II Tm. 2:19).

16. Ele prometeu: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hb. 13:5).

17. Cristo disse. “TODO aquele que a Pai me dá virá a mim, e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.. E esta é a vontade daquele que me enviou, que eu não perca NENHUM de TODOS os que ele me deu... Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer.” (Jo. 6:37, 39, 44). A lógica disto é avassaladora. Se a salvação for perdida, Cristo a perderá, e não nós.

18. Cristo prometeu: “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que esteja convosco para sempre, o Espírito da verdade...” (Jo. 14:16). Pode alguém estar perdido e ainda ter o Espírito Santo habitando nele para sempre?

19. Somos chamados por Deus e nos foi dado o dom da vida eterna (Rm. 8:29,30; 6:23). “... os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm. 11:29).

20. Cristo lavou os nossos pecados em Seu próprio sangue (Ap. 1:5) e “... Aquele que já se banhou... está todo limpo.” (Jo. 13:10).

21. Deus pode fazer com que até o Seu filho mais “fraco” resista. “...e estará firme, pois poderoso é Deus para o firmar.” (Rm. 14:4).

22. Mesmo que falhemos e sejamos infiéis “...ele permanece fiel; porque não pode negar-se a si mesmo”. (II Tm. 2:13).

23. Deus não imputará pecados aos Seus filhos (Rm. 4:8). Quando pecamos, Ele nos disciplina para que não sejamos condenados com o mundo (I Co. 11:32).

24. Todos nós os que cremos em Cristo fomos escolhidos por Deus “... antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele...” (Ef. 1:4). É impossível crer que os eternos propósitos de Deus falharão.

25. Cristo já comprou cada membro da Sua Igreja e certamente levará à Sua própria glória todos os que Ele adquiriu (I Co. 6:20; Ef. 5:25-27).

26. Nós, os que cremos, nunca seremos julgados (Jo. 5:24, Rm. 8:1), porque Cristo já levou sobre si o nosso julgamento. Aos olhos de Deus, já morremos para os nossos pecados na pessoa do nosso substituto, e portanto, todas as justas exigências da lei de Deus contra nós, já foram satisfeitas eternamente, tendo sido libertos do pecado e da lei (Gl. 2:19,20; Rm. 6:2-10; 7:4). Deus não é injusto. Ele não exigirá um duplo pagamento pelos pecados.

27. O crente não está debaixo da lei, mas debaixo da graça, e portanto o pecado não pode ter domínio sobre ele (Rm. 6:14).

28. Se Deus pode dizer que não viu iniquidade em Jacó, nem perversidade em Israel, apesar das suas murmurações e pecados (Nm. 23:21), Ele certamente pode dizer o mesmo de pecadores redimidos que se tornaram aceitáveis no Amado (Ef. 1:6).

29. Se Deus é por nós, e Ele certamente o é, ninguém pode prevalecer contra nós (Rm. 8:31).

30. Ninguém jamais poderá condenar ou acusar alguém que Deus justificou (Rm. 8:32-34).

31. Nada ou ninguém jamais poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm. 8:39).

32. Se pecarmos após termos sido salvos (e quem não o faz?), temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo (I Jo. 2:1) e Ele é um advogado que nunca perdeu um caso. Isto é ilustrado em Lucas 22:31,32, onde Cristo ora por Pedro para que a sua fé não falhasse, assim como Ele ora por todos os Seus (Jo. 17:20).

33. A obra do Espírito Santo de Deus garante salvação eterna a todo crente. Somos regenerados, ou nascidos de novo pelo Espírito Santo na família de Deus (Jo. 1:12,13; 3:5; Tt 3:5). O Espírito Santo habita em nós para sempre (Jo. 14:16; I Co. 6:19). Somos batizados pelo Espírito Santo no Corpo de Cristo (I Co. 12:13), consumando assim uma relação permanente no Corpo. Somos selados com o Espírito Santo da promessa, até a redenção da propriedade de Deus (Ef. 1:13,14; 4:30), garantindo assim, nossa segurança até o dia da manifestação de nossa glória com Cristo.

EFEITOS PRÁTICOS DO ENSINAMENTO DE SEGURANÇA

Concluindo, vamos considerar o efeito prático deste ensinamento na vida do cristão. Aqueles que se opõem à segurança eterna, afirmam que ela leva ao descuido, indiferença e licenciosidade. Isto aconteceria se a verdade da segurança eterna fosse ensinada a uma alma natural, não regenerada. Os que assim afirmam, demonstram não conhecer nada sobre a nova vida em Cristo. O cristão verdadeiro foi regenerado, o Espírito Santo habita nele e é motivado por princípios celestiais. Embora ele ainda possua a natureza carnal, à qual ele pode ceder algumas vezes e contra a qual ele é advertido em passagens como Gálatas 5:13, ele é uma nova criação em Cristo e nada poderia ser mais motivador de uma vida piedosa e consagrada, do que conhecer e apreciar as riquezas maravilhosas da graça de Deus, a qual nos outorgou a vida eterna através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Seria como argumentar que é uma coisa muito perigosa proferir os votos matrimoniais, pois a esposa, tendo sido presenteada com todos os bens materiais do seu marido, imediatamente o abandonaria para desperdiçá-los na satisfação dos seus próprios desejos. Isto acontece quando a mulher entra no casamento por dinheiro e não por amor. O verdadeiro filho de Deus contudo é aquele que ama ao Senhor Jesus Cristo (I Co. 16:22) e quanto mais ele sabe a respeito da verdade da segurança eterna mais crescerá o seu amor. A pessoa não-regenerada não possui nenhum outro motivo para a obediência, exceto medo de punição. A alma regenerada, pelo contrário, afirma como Paulo: **“Pois o amor de Cristo nos constrange... para que os que vivem, não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu”**.

O Que Nós Cremos...

Sobre O Espírito Santo

“O Espírito Santo é uma Pessoa que convence o mundo do pecado, e que regenera, batiza, sela, habita, ilumina e equipa o salvo.”(Jo. 16:8; Tt. 3:5; I Co. 12:13; Ef. 1:13,17,18; 3:16)

Anteriormente, afirmamos claramente crer em um único Deus, existindo eternamente em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Agora desejamos expor o que nós cremos a respeito da Personalidade e Obra do Espírito Santo.

SUA PESSOA

Devemos repetir até à exaustão, que nos opomos veementemente ao ensino de certos dispensacionistas que negam a Personalidade do Espírito Santo. Alguns dos nossos críticos desinformados argumentam que, por compartilharmos algumas posições similares sobre dispensacionalismo com estes grupos, necessariamente compartilhamos sua negação da Trindade e da da Personalidade do Espírito Santo. Alguns têm até nos acusado de subterfúgio quando denunciemos tais falsos ensinamentos; outros tem afirmado que dispensacionalismo inevitavelmente leva ao Unitarianismo e ao Universalismo, quando na verdade, não há qualquer ligação entre o dispensacionalismo e essas doutrinas. A maioria dos proponentes dessas doutrinas, através da história da igreja, jamais afirmou a verdade dispensacional. O fato é que entre ambos, Unitarianos e Trinitarianos, há Universalistas e Aniquilacionistas, Dispensacionistas e Anti-dispensacionistas. Seria como argumentar que porque Católicos Romanos crêem na Trindade todo mundo que também crê na Trindade irá inevitavelmente abraçar os ensinamentos da mariologia, purgatório, a missa, regeneração batismal e o papado. Nós cremos na personalidade do Espírito Santo porque as Escrituras lhe conferem todos os atributos de personalidade como também os atributos de divindade.

SUA OBRA

Ao considerar a obra do Espírito Santo, é muito importante notar que há alguns ministérios singulares ao Corpo de Cristo e alguns que são comuns a todos os redimidos. Cremos que alguns dispensacionistas estão equivocados ao afirmar que é impossível ou inconsistente crer, por exemplo, que o Espírito Santo poderia realizar a obra do novo nascimento tanto em Israelitas convertidos sob a dispensação do reino, quanto em pecadores convertidos sob a dispensação da graça. Por outro lado, cremos que outros, como os Pentecostais, erram grandemente ao afirmar que todas as obras do Espírito em conexão com o programa do reino devem estar em evidência hoje. Eles reivindicam que, se o Espírito apareceu como línguas de fogo em Pentecostes, também deve se manifestar assim hoje; se os apóstolos judeus deviam esperar pelo prometido batismo do Espírito Santo, devemos também fazê-lo hoje; se um dia o Espírito concedeu dons de línguas, milagres e curas, também deve fazê-lo hoje. A única solução para esse problema é uma divisão correta da Palavra da Verdade, sadia, sensível, e movida pelo Espírito. Quando isso for feito, cremos, ficará claro que alguns ministérios do Espírito Santo são para todos os remidos de ambas as dispensações, do reino e da graça, e alguns são peculiares a uma ou outra dessas administrações.

Por causa da natureza do homem natural, seja ele judeu ou gentio, sob essa ou outra dispensação, cremos que a obra do Espírito em convencer o pecador é absolutamente essencial para que ele creia no Senhor Jesus Cristo. Paulo afirma claramente em Efésios 2:1-3 que judeus e gentios individualmente estão mortos em delitos e pecados, apesar de que, no passado, em virtude dos pactos divinos, Israel estava nacionalmente perto de Deus, enquanto os gentios estavam longe. Alguns afirmam que individualmente, os israelitas possuíam uma natureza diferente dos gentios, uma espécie de vida espiritual, precisando portanto apenas de um novo nascimento, enquanto os gentios, por estarem mortos em pecado, precisariam não de um novo nascimento mas de serem feitos novas criaturas. Como resultado desse raciocínio, ensina-se que o novo nascimento é para os judeus e a nova criação é para hoje. Esse raciocínio, entretanto, é bastante deficiente. De acordo com os três primeiros capítulos de Romanos, o relacionamento de Deus com Israel sob a Lei prova que, quanto à natureza pecaminosa não há diferença entre judeus e gentios. Se havia uma diferença na dispensação passada, então devemos identificar um momento na história quando todo o povo judeu morreu espiritualmente e se tornou como os gentios. Essa noção é ausente nas Escrituras. As Escrituras contudo, ensinam claramente que Israel, como nação, caiu de sua posição de privilégio pactual quando Deus inaugurou esse grande ministério da reconciliação sob a dispensação da graça de Deus (Rm. 11:7-25).

Regeneração

Se judeus e gentios possuem a mesma natureza caída e pecaminosa, então, para se tornar filhos de Deus, precisam da mesma obra do Espírito. João 3:3 ensina a necessidade do novo nascimento para o Israelita. Tito 3:5 ensina a necessidade do novo nascimento ou regeneração para judeus e gentios hoje. Enquanto que judeus e gentios sob as dispensações do reino e da graça necessitam a mesma obra regeneradora do Espírito Santo, é evidente que os salvos sob essas Dispensações viviam sob diferentes programas religiosos e espirituais. Deus exigiu batismo cerimonial como um ato de fé em dispensações anteriores, como um acompanhamento da regeneração, mas Ele não faz tal exigência hoje. Alguns dos nossos amigos dispensacionalistas crêem que nascer da água e do Espírito, em João 3:5, refere-se ao batismo com água em relação à obra do Espírito. Entretanto, Paulo, que não foi enviado para batizar, relaciona a regeneração com água (Tt. 3:5; Ef. 5:26). Nessas referências, o lavar é feito não com água literalmente, mas com a água da Palavra. Muitos, embora reconhecendo que o batismo com água era praticado para a remissão de pecados durante o ministério terreno de Cristo, crêem que a água de João 3:5 é a mesma de Efésios 5:26.

Batismo

A obra batizadora do Espírito Santo precisa também ser estudada dispensacionalmente. João Batista anunciou que Cristo batizaria com o Espírito Santo (Mt. 3:11), o que sem dúvida ocorreu no dia de Pentecostes (At. 1:5). Esse batismo foi executado por Cristo, revestindo os apóstolos de poder para realizar obras miraculosas. Sendo que Pedro declarou ser este derramamento do Espírito Santo o cumprimento da profecia de Joel, feita 800 anos antes, é evidente que este batismo do Espírito não pode ser identificado com o descrito em I Coríntios 12:13, pois, se há algo claro nas epístolas de Paulo, é que a verdade acerca do Corpo de Cristo era um mistério nunca antes revelado aos filhos dos homens em outras eras e gerações. Na verdade, seria estranho que os profetas tivessem tanto a dizer sobre a obra do Espírito que forma o Corpo de Cristo, e ao mesmo tempo fossem ignorantes do fato da mera existência do Corpo de Cristo.

No batismo do Espírito que forma o Corpo de Cristo, não é Cristo quem batiza com o Espírito, como em Pentecostes, mas o Espírito Santo quem batiza em Cristo. Não devemos confundir as Pessoas da Trindade. Entretanto, é exatamente isso que fazem aqueles que afirmam ser estes batismos iguais pois seria o mesmo que afirmar que Cristo batiza com Cristo.

Outra diferença entre estes dois batismos é que, aquele que faz parte da revelação paulina, resulta na união de judeus e gentios em um corpo, enquanto que em Pentecostes a mensagem era apenas aos judeus, o que continuou a ser por vários anos. Certamente não havia um corpo comum de judeus e gentios em Pentecostes. Se os gentios tivessem sido feitos um com os judeus em Pentecostes, a visão de Pedro em Atos seria desnecessária. Como explicar as palavras de Pedro a Cornélio: “**...não é lícito a um judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros...**”, se Deus, aproximadamente oito anos antes, já havia removido a diferença entre judeus e gentios e já havia feito de ambos, um só? Também, como explicar as objeções levantadas pelos santos de Jerusalém quanto a Pedro ter pregado a um gentio (At. 11:2,3), se de fato, em Pentecostes, e nos anos subseqüentes, o evangelho estava sendo anunciado aos gentios?

Argumentar que Deus secretamente iniciou o Corpo de Cristo em Pentecostes, mas só revelou isso ao apóstolo Paulo anos depois é inadmissível. A verdade é que não poderia haver um corpo comum de judeus e gentios até que algum gentio fosse salvo e isso não poderia ter acontecido, pelo menos até à conversão de Cornélio.

É também inaceitável a interpretação comumente adotada pelos irmãos batistas, que o batismo do Espírito ocorreu apenas duas vezes: em Pentecostes, quando os judeus foram corporativamente posicionados no Corpo de Cristo, e na casa de Cornélio, quando os gentios foram corporativamente posicionados no Corpo. Assim, eles argumentam, o batismo do Espírito cessou e o “um Batismo” de Efésios 4:5 é o batismo com água. É difícil entender como alguém que possui o mínimo de discernimento do desenvolvimento doutrinário do Novo Testamento, pode crer que, nesta dispensação da Graça de Deus, a obra do Espírito em relação ao batismo cessou, restando-nos apenas um rito cerimonial.

É evidente, nas epístolas paulinas, que o ritual foi substituído pelo espiritual. É exatamente isso o que cremos: que o batismo ritual cessou, permanecendo “um batismo” de natureza espiritual. Entretanto, esse batismo espiritual não é o batismo do Espírito com poder como em Pentecostes, mas o batismo do Espírito que posiciona judeus e gentios no Corpo de Cristo.

Selo e Habitação

A obra do Espírito em selar, habitar, iluminar e equipar os santos, não é necessariamente de natureza dispensacional. Ou seja, encontramos o Espírito realizando esses ministérios sob a dispensação do Reino, como sob a presente dispensação. O selo do Espírito, quer seja dos 144.000 israelitas em Apocalipse 7:4, quer seja dos membros do Corpo de Cristo em Efésios 1:13, é uma garantia de segurança presente e de livramento final. Esse ministério do Espírito é essencial para a gloriosa verdade da segurança eterna dos salvos.

A habitação do Espírito em todos os salvos, contudo, é dispensacional, no sentido de que isso não era verdadeiro antes de Pentecostes. Entretanto, desde então, é verdadeiro para todos os salvos em Cristo. Em João 14:16,17, Cristo prometeu aos apóstolos de Israel que o Espírito Santo habitaria o crente, e é evidente, nas epístolas de Paulo, que se alguém não tem o Espírito de Deus esse não é dEle (Rm. 8:9). cremos portanto que a terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, depois de convencer o pecador, regenera-o quando este crê, e no mesmo instante o batiza no Corpo de Cristo, sela-o para o dia da redenção, e passa a habitar em seu corpo enquanto viver. cremos que sem a obra do Espírito em iluminar e equipar o que crê, é impossível para o salvo entender a Palavra de Deus ou viver uma vida que agrade a Deus. cremos que é a nossa responsabilidade cristã nos encher do Espírito e manifestar o fruto do Espírito. O que nós cremos sobre o andar do crente será tratado em detalhe na exposição de outro ponto da nossa Declaração Doutrinária.

O Que Nós cremos...

Sobre A Igreja

“Na presente dispensação, há somente uma única igreja verdadeira, denominada o Corpo de Cristo (I Co. 12:13; Ef. 1:22,23; 3:6). A manifestação histórica do Corpo de Cristo começou com o Apóstolo Paulo, antes de ele escrever sua primeira epístola (I Ts. 2:14,16 cf. At. 13:45,46; Fl. 1:5,6 cf. At. 16; I Co. 12:13,27 cf. At. 18)”

Em resumo, isso é o que nós cremos sobre a Igreja. Contudo, há muito mais que precisa ser dito, a fim de revelar as verdades singulares relacionadas com esse assunto.

O SIGNIFICADO DA PALAVRA

O termo “igreja”, na língua portuguesa, é bastante genérico. Para alguns, significa “um prédio usado para propósitos religiosos”; para outros, refere-se especificamente ao chamado “santuário”; já para outros, significa “uma denominação religiosa”; enquanto que para outros, evoca o significado Escriturístico de “uma assembléia do povo de Deus”.

Nosso termo português “igreja”, é a tradução da palavra grega EKKLESIA, que simplesmente significa “um grupo de pessoas chamadas para um propósito”, “uma assembléia”. Os tradutores foram forçados a conferir a ekklesia seu significado básico em Atos 19:32,39, pois, nesse texto, a palavra refere-se a uma ímpia multidão reunida em assembléia, com o propósito de perseguir Paulo e seus companheiros.

MAIS DE UMA IGREJA

Portanto, para entender a doutrina da igreja, é necessário, primeiramente reconhecer que o termo bíblico não refere-se a um prédio ou a uma denominação, mas a uma assembléia de pessoas reunidas com um propósito específico. É necessário reconhecer também, que nem todas as ocorrências da palavra na Bíblia refere-se ao mesmo grupo de pessoas. A passagem que citamos (Atos 19), obviamente demonstra isso. Mas a maioria dos cristãos têm a impressão que quando a palavra é usada na Bíblia com um significado religioso, refere-se sempre à mesma igreja. Ainda há a errônea noção de que não havia uma igreja no Velho Testamento. Atos 7:38 é evidência suficiente para provar que havia uma igreja no Velho Testamento, pois, nesse texto, Israel é denominada “a igreja no deserto”. O Velho Testamento foi escrito em hebraico portanto, não poderíamos esperar encontrar ali a palavra ekklesia. Entretanto, os tradutores da Septuaginta (tradução do Velho Testamento hebraico para o grego), escolheram utilizar o termo ekklesia para traduzir a palavra hebraica kahal, que significa congregação. A maioria dos judeus nos dias do Novo Testamento usavam a Septuaginta, e portanto poderiam ler inúmeras vezes sobre a ekklesia, ou igreja de Deus, em suas antigas Escrituras.

À luz dos fatos acima mencionados, devemos admitir que Israel era chamada ekklesia ou igreja nos dias do Velho Testamento. Mas, reconhecer isso ainda é insuficiente. Muitos concordam que o que foi dito acima é verdadeiro, mas assumem que, quando a palavra ekklesia ocorre no Novo Testamento, refere-se a igreja dessa dispensação. Portanto, a igreja de Mateus 16:18; 18:17; Atos 2:47 e Apocalipse 1:20 é a igreja, o Corpo de Cristo, mencionada inúmeras vezes por Paulo em suas epístolas. Persistir nesse erro, não reconhecendo a distinção entre a igreja “que é o Seu Corpo” (Ef. 1:22,23) e a profetizada igreja do reino em Mateus e Apocalipse, tem gerado grande confusão doutrinária na igreja hoje.

Se os pais da igreja tivessem manejado corretamente a Palavra da Verdade contida em Mateus 16:18,19, Roma não teria como sustentar suas reivindicações. Protestantes, em geral, concordam com Roma, que a igreja dessa passagem é a igreja dessa dispensação. E então tentam refutar a reivindicação romana de possuir os poderes mencionados no texto. Note que os mesmos poderes são mencionados em relação à igreja em Mateus 18:18,19. Se simplesmente entendêssemos que essa igreja relaciona-se com o reino dos céus, como o próprio Cristo afirma em Mateus 16:19, e se entendêssemos a verdade elementar que o reino dos céus é o futuro Reino Messiânico a ser estabelecido na terra sob o governo do Messias, concluiríamos que nenhuma organização religiosa hoje, tem o direito de aplicar essas passagens a si mesma. Tais poderes serão exercidos no futuro Reino Messiânico, quando os Doze apóstolos se assentarem sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.

A IGREJA, O CORPO DE CRISTO

“Mas”, alguém pode perguntar, “que evidências há para provar que a igreja nas epístolas paulinas é diferente da mencionada em Mateus e nos primeiros capítulos de Atos?” “Se essa diferença pode ser de fato estabelecida biblicamente, demonstrará o erro da popular idéia que a mesma igreja existe desde Adão, bem como a afirmação comum no fundamentalismo, que a igreja de Mateus e Pentecostes é a igreja, o Corpo de Cristo.

Nós já apresentamos uma evidência, a saber, que a igreja de Mateus é parte do Reino Messiânico, a ser estabelecido na terra após a igreja dessa dispensação ter recebido seu último membro e ter sido arrebatada para a glória. Qualquer pré-milenialista crê que um dia a igreja estará completa e será arrebatada, e portanto deve crer que isso ocorrerá antes da segunda vinda de Cristo à terra para implantar Seu reino, quando os Doze se assentarão sobre tronos de julgamento, exercendo poderes de juiz. Não há dúvida que todos os membros de ambas as igrejas são pessoas salvas, santos redimidos. Mas o fato que, enquanto um dos grupos já estará completo e no céu, o outro estará na terra e em processo de crescimento, é evidência suficiente que há diferença entre eles.

Entretanto, a mais evidente diferença reside no fato que a igreja mencionada em Mateus e Pentecostes foi profetizada ou predita pelos profetas do Velho Testamento, enquanto que a igreja das epístolas paulinas é claramente parte de um grande corpo de verdades, mantido em segredo em Deus, e nunca antes revelado aos filhos dos homens (Ef. 3:5,9; Cl. 1:24-26). Salmo 22:22, como citado em Hebreus 2:14, demonstra que havia uma igreja predita pelas Escrituras do Velho Testamento. O reino dos céus, com o qual essa igreja está relacionada, é uma das principais ênfases da profecia. As palavras do apóstolo, cheio do Espírito Santo, registrados em Atos 3:21,24, mostram que tudo o que estava acontecendo em Pentecostes e posteriormente, era o cumprimento de profecias. Agora, se tudo o que foi dito pela boca dos profetas é idêntico ao que havia estado guardado em Deus e nunca sido dado a conhecer aos profetas, podemos logicamente afirmar que as duas igrejas em consideração são iguais. Contudo, se a linguagem acima aponta para uma diferenciação, então temos de admitir que de fato há uma diferença.

Basta comparar as principais características da igreja, o Corpo de Cristo, com a igreja do Reino, para se perceber a diferença. Paulo sumariza a verdade a respeito do Corpo de Cristo em Efésios 3:6, afirmando que judeus e gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo pelo evangelho, do qual Paulo, e não os Doze, havia se tornado ministro. Agora, se examinarmos a igreja existente em Atos 2 e 3, veremos que ela era inteiramente israelita; que não há qualquer vestígio de um relacionamento entre judeus e gentios, quer doutrinária ou efetivamente, e que Paulo, a quem foi dada a revelação concernente ao Corpo e a essa dispensação, nem havia sido salvo.

O CORPO DE CRISTO, UM MISTÉRIO

O Velho Testamento prediz claramente a salvação dos gentios, mas, como corretamente lembrado pelo Dr. Scofield, em sua Bíblia anotada, “*que os gentios seriam salvos, não era mistério* (Rm. 9:24-33; 10:19-21). O mistério “oculto em Deus” era o divino propósito em fazer de judeus e gentios algo completamente novo - a igreja, que é o Seu Corpo (de Cristo), formada pelo batismo com o Espírito Santo (I co. 12:12,13) e na qual diferenças terrenas entre judeus e gentios desapareceriam (Ef. 2:14,15; Cl. 3:10,11).

Entretanto, o Dr. Scofield cai no velho e básico erro de exegese e afirma que a revelação do mistério confiado a Paulo, fora predito por Cristo em Mateus 16:18. Mas então ele faz mais uma afirmação: “*apenas em seus escritos (de Paulo), encontramos a doutrina, posição e destino da igreja*”.

A IGREJA, O CORPO DE CRISTO, TRATADA EM TODAS AS EPÍSTOLAS PAULINAS

Até aqui temos apresentado evidências escriturísticas para sustentar nossa convicção que a igreja, o Corpo de Cristo, a igreja dessa dispensação, é um grupo de redimidos, separado e diferente, possuindo é claro, uma unidade básica em Cristo como Salvador de todos os salvos em todas as dispensações, mas possuindo uma chamada, uma posição e um andar diferentes dos santos de outras dispensações. Agora, é necessário demonstrar que há apenas uma igreja mencionada em todas as epístolas paulinas, pois alguns dispensacionalistas afirmam que Paulo, durante o período de Atos, era um ministro da mesma igreja do Reino que nós vimos em existência no dia de Pentecostes, e que somente após Atos 28:28, Deus começou a igreja, que é o Corpo de Cristo. De acordo com essa interpretação, Romanos, I e II Coríntios, Gálatas e I e II Tessalonicenses, foram escritas à igreja do Reino, e que apenas em Efésios, Filipenses e Colossenses encontramos referência à igreja dessa dispensação. Sob nenhuma circunstância concordamos com esse

ensinamento. De fato, cremos ser esse um perigoso erro a ser combatido. Nós cremos que o Corpo de Cristo teve seu início histórico com o ministério do apóstolo Paulo, antes de ter ele escrito sua primeira epístola. Reconhecemos que há uma transição na segunda metade do livro de Atos, da dispensação do Reino para a dispensação do Corpo, e que há significado na ação de Paulo lançar cegueira sobre Israel em Atos 28. cremos que Atos 28 marca o fim do período de transição, e a cessação, no que diz respeito ao programa de Deus para o Corpo, de tudo que é israelita, incluindo os dons de sinais e o batismo com água.

O CORPO E O PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Se houve um período de transição, e nós cremos que houve, então a presente dispensação começou com a transição, emergindo gradualmente até a sua total manifestação ao final da transição. Analogias extraídas da natureza e das Escrituras demonstram que Deus sempre produz tais mudanças por meio de uma transição. A cada 24 horas, há uma transição da noite para o dia e do dia para a noite. O dia começa com os primeiros raios de luz matinal, e o período de transição termina com o completo nascer do sol e com o desaparecimento das estrelas e dos últimos vestígios de escuridão no horizonte. As primeiras e as últimas epístolas de Paulo estão repletas de evidências internas de uma unidade orgânica que confirma a verdade, que todas as pessoas salvas sob o ministério de paulino durante o livro de Atos estavam no mesmo corpo posterior ao período de Atos. Por exemplo, considere os Filipenses, salvos em Atos 16, e a quem Paulo escreve após o período de Atos em Filipenses 1: 5,6: **“pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora, tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Cristo”**. Se alguma mudança em sua chamada, esperança ou posição ocorrera desde o dia que foram salvos em Atos 16, Paulo nada sabia a esse respeito. Em muitas outras passagens nesse livro, encontramos respostas ao erro que divide o ministério e as epístolas paulinas em duas dispensações diferentes.

Tendo demonstrado, nas Escrituras, que a igreja dessa dispensação é separada e diferente das igrejas de outras dispensações (Deus tem tido sempre a sua igreja ou os seus “separados”), e que essa igreja teve seu início histórico, não com Pedro em Pentecostes, mas com o ministério de Paulo, e que a igreja à qual Paulo ministrou durante o período de Atos, é a mesma à qual ele ministrou até a sua morte - e é a mesma existente hoje - , resta-nos afirmar que todos os verdadeiros crentes, de Paulo até hoje, independente de serem membros ou não de uma organização religiosa, de terem se submetido ou não a cerimônia do batismo, de entenderem ou não esse fato, foram batizados pelo Espírito no Corpo de Cristo. Somente Deus sabe quem são os verdadeiros salvos, mas cremos que aos olhos de Deus, todos eles são membros do mesmo Corpo, e que a urgente necessidade é a de retornarmos ao grande corpo de doutrinas paulinas sobre o Corpo de Cristo, esforçando-nos para manter a unidade do Espírito no vínculo da paz.

O Que Nós cremos...

Sobre Os Dons Ministeriais

Os dons ministeriais para o Corpo de Cristo, estão enumerados em Efésios 4:7-11, Romanos 12:6-8, I Coríntios 12:1-31. Alguns desses dons eram de natureza permanente e alguns deveriam cessar; alguns referiam-se a natureza dos ministros dados a Igreja e alguns referiam-se a capacitação individual para um serviço espiritual. Como o cânone do Novo Testamento foi completado através do ministério de Apóstolos e Profetas, cremos que esses dois ofícios cumpriram o seu papel e não mais existem. Da mesma maneira, os dons de sinais, como línguas, milagres e curas, que foram essencialmente endereçados à nação de Israel (I Co. 14:22) cumpriram o seu propósito e cessaram, de acordo com I Coríntios 13:8-11.

Em Efésios 4:7-16, nós lemos:

“Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo. Por isso diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. Ora isso - ele subiu - que é, senão que também antes desceu às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas. E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não sejamos mais meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo, do qual todo o corpo bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”.

DONS DE SINAIS OU DONS MINISTERIAIS?

Os dons ministeriais, concedidos para a edificação do Corpo de Cristo, estão em contraste com os dons de sinais miraculosos, em operação durante o período que do livro de Atos, e que são mencionados em I Coríntios 12:28-30, na seguinte ordem: apóstolos, profetas e mestres, milagres, curas, socorros, governos, línguas e interpretações de línguas. A pergunta surge naturalmente: “Devemos ter esses dons miraculosos de curas, línguas e interpretações de línguas na igreja hoje?” Aparentemente muitas pessoas estão mais e mais inclinadas à noção que devemos tê-los, e há vários movimentos tentando descobrir porque não os temos, e como podemos restaurá-los. O movimento Pentecostal moderno, é claro, encabeça esse esforço, embora muitos que estão à margem do movimento estão também encorajando a idéia. Algumas revistas, como Christian Life (Vida Cristã), publicaram vários artigos e editoriais questionando porque a igreja não possui esses dons hoje, e sugerindo que os cristãos devem orar e se empenhar para restaurá-los. cremos que as Escrituras contém a resposta a esse problema, e não devemos recorrer a especulações ou explosões de emocionalismo como nossos guias. cremos que as Escrituras ensinam o propósito desses dons de sinais, e que, quando o propósito da existência desses dons se cumprisse, esses dons cessariam - e cremos que o propósito foi cumprido a muito tempo atrás, ao final do livro de Atos, e que esses dons, portanto, cessaram.

Sendo que Paulo especificamente usa o dom de línguas para ilustrar os seus ensinamentos em I Coríntios 14, seguiremos o mesmo método. Primeiramente, ele mostra que línguas eram um “sinal” (v.22). Ele afirma anteriormente que os judeus pediam sinais. Desde o dia que os tirou do Egito, Deus sempre operou através de sinais com a nação de Israel. Jesus operou vários sinais quando estava entre eles (Jo. 20:30). Nisto Paulo espera que não sejamos crianças no entendimento, mas que possamos ser maduros (v. 20). No versículo 21 ele diz: **“Está escrito na lei: Por gente doutras línguas, e por outros lábios, falarei a este povo, mas ainda assim não me ouvirão, diz o Senhor... De sorte que as línguas são um sinal”**. É evidente, portanto, que o propósito do dom de línguas era ser um sinal para o Israel incrédulo.

OS DONS DE SINAIS TEMPORÁRIOS

Paulo afirma que línguas e outros dons semelhantes eram de natureza temporária e deveriam cessar, quando se manifestasse o que é perfeito ou maduro (I Co. 13:8-10). A palavra perfeito é traduzida adulto em I Coríntios 14:20 e em Hebreus 5:14. Paulo foi o responsável por transmitir a nova dispensação da graça de Deus. Essa nova dispensação surgiu gradativamente, enquanto a dispensação concernente ao reino Messiânico também cessava gradualmente. A esse processo chamamos de período de transição. I Coríntios

foi escrito durante esse período de transição. Esses dons de sinais, que originalmente faziam parte do programa espiritual do Evangelho do Reino, continuaram durante o período de transição. Enquanto Deus ainda mantivesse um testemunho especial à nação de Israel, este período de transição continuaria, assim como os dons de sinais. Quando Deus terminou de lidar com Israel de maneira especial - e isso aconteceu em Atos 28 - não havia mais objetivo ou ministério algum para esses dons cumprirem. cremos que neste momento Deus cessou esses dons (não é necessário supor que esses dons cessaram todos de uma hora para outra, mas que foram gradualmente diminuindo até sua extinção). Depois de ter definitivamente colocado Israel de lado e ter cessado os dons de sinais, Deus trouxe à maturidade ou perfeição a revelação da verdade para essa presente dispensação, a qual encontramos nas epístolas de Paulo da prisão. Portanto, quando Paulo enumera os dons na epístola aos Efésios, escrita da prisão, ele não menciona os dons de sinais. cremos ser essa a explicação clara e escriturística sobre o que aconteceu aos dons de sinais, e mais ainda, cremos que quando alguém busca revivê-los na igreja hoje, demonstra sua ignorância do propósito e vontade de Deus para essa dispensação da graça.

Devemos entender que os ofícios de apóstolos e profetas também deveriam cessar, mas por motivos diferentes. Tudo aquilo que apóstolos e profetas poderiam oferecer ao Corpo de Cristo, está escrito nas Escrituras. Quando Efésios foi escrito, ainda havia um ministério que apóstolos e profetas deveriam exercer. Que o dom de curar havia cessado fica evidente quando Paulo, que já havia antes exercido o dom da cura, deixa para trás doente, um dos seus mais fiéis colaboradores (II Tm. 4:20), e a outro, ele prescreve um remédio para sua doença. Certamente, se Paulo tivesse o dom de cura naquele época, ele o teria exercido sobre estes fiéis companheiros de ministério.

TENTATIVAS MODERNAS DE REVIVER OS DONS DE SINAIS

O movimento Pentecostal moderno dá muita ênfase às línguas, chegando a afirmar que, se você não fala em línguas, não tem o Espírito Santo. Paulo classifica o dom de línguas como o menos importante, mesmo quando era da vontade de Deus, e diz que preferia falar 5 palavras em uma língua conhecida do que 10.000 em uma não conhecida. Hoje em dia, as pessoas que falam em línguas, dizem que a razão de cristãos não possuírem esse dom é falta de espiritualidade. Entretanto, Paulo afirma que a mais carnal das igrejas do seu tempo, a de Corinto, abundava em dons, dons esses concedidos soberanamente pelo Espírito de Deus. O moderno movimento de línguas, é, na sua maioria, encabeçada por pregadoras, muitas das quais têm demonstrado descontentamento por Paulo. Paulo, no mesmo capítulo que lida com línguas diz: **“as mulheres estejam caladas na igreja. Não lhes é permitido falar”** (I Co. 14:34). Os encontros modernos de línguas são sempre barulhentos e confusos. Entretanto, Paulo recomenda que uma pessoa fale de cada vez, pois Deus não é autor de confusão. As pessoas que falam em línguas hoje, geralmente falam sem que haja qualquer interpretação. Paulo proibia o falar em línguas, sem alguém para interpretar. Esses e outros motivos demonstram que o moderno movimento de línguas não está operando de acordo com as Escrituras, e que está meramente imitando o que Deus um dia concedeu a alguns cristãos, como sinal ao seu povo, Israel.

Reconhecemos que há cristãos sinceros, não Pentecostais, que concordam em termos gerais com o que dissemos, mas crêem que sob certas condições, Deus pode exercer Seu poder soberano, concedendo a alguém um ou mais desses dons. Talvez esse dom pudesse ser dado a um missionário abrindo um novo campo de trabalho. Tal pessoa, procuraria então, exercer o dom de línguas na privacidade do seu quarto, como uma indicação de que Deus aprova a sua espiritualidade. Estes podem até querer se afastar de todo o emocionalismo e confusão do mais radical tipo de Pentecostalismo, mas a mesma resposta se aplica a ambos. Reconhecemos que Deus é soberano e pode fazer o que quiser, e ninguém pode impedi-lo. Mas questionamos se Deus pode ir de encontro à Sua vontade revelada em Sua Palavra. Sabemos que Jesus Cristo tem o poder para voltar à terra e aparecer aqui em Seu corpo glorificado a qualquer hora de qualquer dia, mas, mesmo tendo o poder soberano para fazê-lo, não cremos que exercitará essa soberania, pois Ele já nos revelou que não voltará à terra antes do fim da tribulação. Semelhantemente, cremos que Deus revelou que o dom de línguas e similares cessaram para essa presente dispensação, e portanto não esperamos que Ele exerça sua soberania e viole Sua Palavra.

CURA SOB A GRAÇA

cremos que a cura para os dias de hoje é a mencionada por Paulo em suas epístolas da prisão, não o “dom” de cura. Em outras palavras, cremos que Deus, em sua soberana misericórdia, pode curar o Seu povo em resposta a oração, quando é da Sua vontade, mas não cremos em curandeiros divinos. Qualquer um que

reivindica possuir o dom de cura, deve ler Mateus 10:8: “**...curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai**”. Esse mandamento do Senhor revela certas verdades: quando o dom de cura foi dado, capacitava a pessoa a ressuscitar os mortos tão facilmente quanto curar os enfermos; as pessoas deveriam curar os doentes de graça, sem receber nada (se não houvesse mais nada a dizer, os modernos curandeiros provariam ser anti-bíblicos). Mas tem mais! O poder dos apóstolos em curar, não dependia da fé do doente, mas do próprio dom. Quando Pedro e João curaram o coxo, à porta do templo chamada Formosa, eles não pediram uma grande oferta, nem disseram que se ele tivesse fé o suficiente seria curado. Pelo contrário, o coxo é quem lhes pedia dinheiro. Eles, entretanto, lhe deram de graça, o dom divino da cura. Seria ridículo dizer que um morto tem que ter fé suficiente para ser ressurreto. Muitos “curandeiros” tentam encobrir os seus erros afirmando que o doente não teve fé suficiente para ser curado. Que deturpação da Palavra de Deus e da obra do Espírito Santo!

Muitos crêm que se uma pessoa aparenta ter curado alguém, é prova suficiente que ela é verdadeiramente enviada por Deus. Os registros da igreja Católica Romana contém tantos ou mais casos de curas autenticadas, quanto os Pentecostais. A grande maioria dos seguidores da Ciência Cristã, uma das seitas que mais crescem, testemunha curas através do ensinamento de Mary Baker Eddy, ensinamento esse que nega todo o fundamento da fé Cristã. Os chamados espiritualistas reivindicam poderes de cura divina. Agora, se a cura física é prova da obra divina, então tanto o Catolicismo Romano quanto a Ciência Cristã provam-se proeminentemente divinos, e pelo mesmo padrão o Cristianismo Protestante prova-se espiritualmente pobre.

Creemos que o grande dom ministerial necessário para a igreja hoje, é o de mestre. Deus nos deu a Sua completa Palavra. A Palavra contém Sua distinta mensagem da graça para esta presente dispensação. Precisamos de mestres que possam manejar corretamente a Palavra da verdade, para que o povo de Deus possa claramente entender o que na Palavra é para a nossa obediência, e o que não é. Precisamos de mestres que não somente tenham o conhecimento técnico da Palavra, mas que também tenham o espírito da graça. Precisamos de mestres que ensinem, com palavras e com suas vidas, o que a dispensação da graça realmente é. Tais mestres certamente aperfeiçoariam os santos, e o resultado seria a edificação do Corpo de Cristo. Nossa oração é que Deus nos dê homens como esses, pois a ala conservadora da igreja histórica hoje, corre grande perigo de mergulhar no emocionalismo que está dominando aqueles que não têm sido estabelecidos na revelação paulina da graça de Deus.

O Que Nós cremos...

Sobre O Andar Do Crente

Esse capítulo trata da natureza do andar do crente. Esse é um assunto muito importante, especialmente porque muitos dos nossos opositores afirmam que graça demais leva a indulgência, e que o dispensacionalismo é meramente um exercício mental que produz intelectualismo e não espiritualidade. Nós enfatizamos, sim, o evangelho da graça de Deus e a dispensação do mistério, mas enfatizamos também o fato que essa verdade traz em si a responsabilidade do cristão em viver o mais elevado padrão espiritual. Nossa declaração doutrinária sumariza o que nós cremos:

“Por causa da vitória de Cristo sobre o pecado e da habitação do Espírito, todo o cristão pode e deve experimentar libertação do poder do pecado pela obediência a Romanos 6:11, mas negamos que o pecado seja completamente erradicado nesta vida (Rm. 6:6-14; Gl. 5:16-25; Rm. 8:37; II Co. 2:14; 10:2-5)”.

DEFINIÇÃO DE GRAÇA

Antes de começarmos a nos entender, é necessário definir alguns termos. Aparentemente, muitas pessoas entendem graça como um meio de escape fácil, de aproveitar-se da generosidade de outros, de fugir da responsabilidade esperando que outro assuma. Para tais, é claro, graça é um princípio perigoso. Eles diriam que graça demais é licença demais; graça produz indulgência; liberdades devem ser limitadas; o homem deve ser submetido a uma lei rígida, se esperamos obediência.

Quão diferente de tudo isso é o conceito bíblico de graça. É tão diferente, que Romanos 6:14 declara: **“pois o pecado não terá domínio sobre vós, porque não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”**. Essa passagem afirma o seguinte: o cristão não está sob a lei, mas sob a graça. Graça não nos dá liberdade para pecar. Pelo contrário, estar sob a graça é a única condição na qual o cristão pode ser liberto do domínio do pecado; em contra partida, estar sob a lei é estar sob o domínio do pecado.

Graça começa no Calvário, onde Jesus morreu pelos nossos pecados. Graça não ignora, graça julga o pecado - paga o preço do pecado e o remove do caminho. A vida do cristão sob a graça é fundamentada no fato de ele ter morrido para o pecado na pessoa de um substituto, o Senhor Jesus Cristo, e de ter ressurgido com Ele para andar em novidade de vida. Deus nunca esperaria que um homem natural vivesse sob a graça, pois ele não faria outra coisa a não ser frustrar essa graça e usá-la como desculpa para indulgir na carne. Mas, para o cristão, o velho homem foi crucificado com Cristo e portanto ele pode considerar-se morto para o pecado, mas vivo para Deus. Em outras palavras, a vida na graça é fundamentada na ressurreição. Os cristãos irão denegrir a graça, sempre que falharem em considerar a si mesmos mortos para o pecado. Meramente expor esses fatos em uma declaração doutrinária, não garante ao cristão vitória pela graça - é necessário que haja um reconhecimento pessoal da realidade de nossa identificação com Cristo. Entretanto, o caminho da vitória é sempre a graça. Isso tudo deixa claro que a mera idéia de permitir o pecado em nossa vida, é totalmente estranha ao ensino da graça.

O ANDAR NA GRAÇA É SOBRENATURAL

Cremos que, sob a graça, devemos viver um estilo de vida sobrenatural, infinitamente mais elevado do que o exigido sob a lei. Entretanto, não devemos esperar que alguém viva esse estilo de vida meramente por subscrever essa ou qualquer outra declaração doutrinária. Cremos que é necessário constante estudo e meditação na Palavra de Deus, e constante e consciente dependência no poder do Espírito Santo que habita em nós, se desejamos tomar posse da vitória que a graça pode nos dar. Sabemos dos perigos que o cristão corre por causa da sua velha natureza pecaminosa (a qual está morta apenas pelo reconhecimento da fé). Nós sabemos que é possível nos tornar orgulhosos pelo conhecimento, mas isso não é um perigo exclusivo do dispensacionalismo. Muitos que nunca sequer ouviram falar nessa palavra, se tornam orgulhosos ao lidar com a Palavra de Deus. Sabemos também que é possível transformar a graça de Deus em licenciosidade, mas isso não é razão para minimizar a graça de Deus. Todos sabemos do perigo de se falsificar a moeda do país, mas nem por isso destruímos nosso dinheiro. É preferível alertar uns aos outros para não sermos enganados pelo que é falso. Assim, cremos ser o nosso dever ensinar e pregar constantemente a graça de Deus, afim de doutrinar os santos com o verdadeiro significado e responsabilidade de se viver sob a graça, de tal maneira que possam discernir o que é contrário e possam viver uma positiva vida de piedade.

Tito 2:12 afirma que, ao contrário de estimular o descuido e o pecado, graça nos disciplina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, e nos estimula a viver, no presente século, de modo sóbrio, justo e piedoso. Essa disciplina dura a vida inteira. Nunca, neste lado da eternidade, chegaremos ao ponto de não mais precisá-la. Deus tornou possível que não pequemos, mas Ele não tornou impossível que peguemos. Enquanto estivermos no corpo, o Espírito militará contra a carne e a carne contra o Espírito. Mas se andarmos no Espírito, não satisfaremos os desejos da carne.

ANDAR NA GRAÇA É ESPIRITUAL

Nosso andar deve ser espiritual, ou seja, deve ser controlado pelo Espírito. Muitos acham que ser espiritual é ser gentil e bondoso, orar muito e envolver-se em certos atos piedosos. Na verdade, uma pessoa pode fazer tudo isso e não ser espiritual. Espiritualidade consiste em ser cheio do Espírito, na medida em que Ele produz a vida de Cristo em nós. Verdadeira espiritualidade produzirá o fruto do Espírito, mas cremos que é impossível alguém ter verdadeira espiritualidade a não ser através do conhecimento da palavra de Deus, manejada corretamente. O Espírito de Deus sempre opera através de Sua Palavra revelada e, para andarmos prudentemente como sábios (Ef. 5:15), é necessário conhecer a vontade de Deus revelada em Sua palavra. Conhecer a Bíblia, contudo, não é suficiente; precisamos conhecê-la “manejada corretamente”. Devemos discernir a vontade de Deus e as Suas instruções particulares para o Corpo de Cristo nessa dispensação. cremos que isso é encontrado nas epístolas paulinas, como diz o Dr. Scofield em sua Bíblia Anotada (como já citamos anteriormente): “*Somente em seus escritos (de Paulo) encontramos a doutrina, posição, andar e destino da Igreja*”. Nessa dispensação, o andar cristão digno e equilibrado depende de conhecer a revelação que o Cristo glorificado, confiou ao apóstolo Paulo. Em suas epístolas encontramos as mais elevadas verdades da Bíblia.

ANDAR NA GRAÇA É ESCRITURÍSTICO

Aqui há algumas referências paulinas sobre o nosso andar: “**andemos nós também em novidade de vida**” (Rm. 6:4); “**não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito**” (Rm. 8:4); “**andemos honestamente, como de dia**” (Rm. 13:13); “**andai no Espírito, e não satisfareis à concupiscência da carne**” (Gl. 5:16); “**andeis como é digno da vocação com que fostes chamados**” (Ef. 4:1); “**não andeis mais como andam os outros gentios**” (Ef. 4:17); “**andai em amor, como também Cristo vos amou**” (Ef. 5:2); “**andai como filhos da luz**” (Ef. 5:8); “**vede prudentemente como andais**” (Ef. 5:15); “**andai dignamente diante do Senhor**” (Cl. 1:10). É interessante notar que isso é resultado de estarmos cheios do conhecimento da Sua vontade em toda sabedoria e entendimento espiritual; “**Assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também andai nEle**” (Cl. 2:6); “**andai em sabedoria para com os que estão de fora**” (Cl. 4:5); “**como recebestes de nós, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, assim andai, para que abundeis cada vez mais**” (I Ts. 4:1); “**não andamos com astúcia nem falsificamos a palavra de Deus**” (II Co. 4:2).

Quando consideramos que quase metade das ocorrências do termo “andar” no Novo Testamento é encontrada nas epístolas paulinas, e que praticamente todas as referências à natureza do andar cristão são paulinas, deveríamos nos convencer da necessidade de ser paulino, se desejamos que nosso andar seja digno do Senhor. Somos salvos totalmente pela graça. Nosso andar é pela graça e nosso serviço é a manifestação da graça de nosso Senhor Jesus Cristo (II Co. 8:7-9).

O Que Nós cremos...

Sobre A Ceia Do Senhor

Nossa posição sobre a Ceia do Senhor tem sido interpretada erroneamente por muitos dos nossos irmãos em Cristo. Alguns, por não serem capazes de responder biblicamente nossos ensinamentos dispensacionais, procuram nos apresentar erroneamente, a fim de impedir outros de sequer considerar o que reivindicamos. Outros, contaminados com a idéia errônea que o batismo com água e a Ceia do Senhor são as duas inseparáveis ordenanças para a igreja, não crêem que o batismo com água possa ser eliminado do programa espiritual para a igreja (como nós o fazemos), sem também eliminar a Ceia do Senhor. Quanto ao primeiro grupo, podemos somente orar e esperar que Deus possa convencê-los que é errado mentir acerca de outros irmãos em Cristo. Ao outro grupo, pedimos que examinem as Escrituras a fim de verificar se o batismo com água e a ceia do Senhor são, em algum lugar, mencionadas juntas ou associadas pelo Senhor, ou até mesmo se Ele as chama de ordenanças para a igreja. Temos certeza que descobrirão, ao invés de semelhanças, muitos contrastes - dentre os quais, que a comissão de Paulo incluía a Ceia do Senhor, mas não o batismo.

Há também os nossos irmãos ultra-dispensacionalistas, que eliminam tanto o batismo como a Ceia do Senhor do programa da igreja, e nos criticam por não ir até as últimas consequências em nosso dispensacionalismo. Alguns até insinuam que nós recuamos, nos agarrando a um pouquinho de “religião”, a fim de agradar a homens. cremos ter uma resposta satisfatória e bíblica a todas essas acusações, e temos certeza que podemos mostrar que esses irmãos têm ido muito além do que as Escrituras ensinam, e tornaram-se ilógicos e até mesmo ridículos em seus esforços para tornarem-se singulares, de tal maneira que precisam encontrar uma interpretação totalmente nova para tudo na Bíblia.

Nossa declaração doutrinária afirma:

A comunhão da Ceia do Senhor, como revelada pelo Apóstolo Paulo em I Coríntios 11:23-26, é para os membros do Corpo de Cristo, “até que Ele venha”. Em nenhum lugar das Escrituras, a Ceia do Senhor e o batismo com água são relacionados como ordenanças ou sacramentos para a Igreja.

OS ULTRA-DISPENSACIONALISTAS ELIMINAM A CEIA

Nós não enfatizamos a Ceia do Senhor como sendo essencial para a salvação, nem necessária para a comunhão dos cristãos, mas cremos que as razões pelas quais a Ceia do Senhor tem sido eliminada, envolvem consequências doutrinárias sérias, e claro, não queremos nosso nome associado com nada que cremos ser anti-bíblico. Para ilustrar, citamos alguém que cremos ser extremista em sua visão dispensacional. Ele oferece três razões porque os cristãos nessa dispensação não devem observar a Ceia do Senhor.¹

CONTRA A LEI

Primeiramente, diz ele, “é contra a lei”, e então cita Êxodo 12:43,45,48, onde diz que nenhum incircunciso poderia participar da Páscoa, e portanto nenhum gentio tem o direito de participar da Ceia do Senhor. É simplesmente subterfúgio e errônea representação dizer que a Ceia do Senhor é a Páscoa. A Páscoa foi celebrada por quinze séculos antes de existir a Ceia do Senhor. Não há, também, nenhuma evidência bíblica que a Ceia do Senhor substituiu a Páscoa. Mas, isso não é tudo. Se a afirmação desse irmão for verdadeira, então Paulo é um transgressor. Evidentemente, a igreja em Corinto era composta de judeus e gentios, que tinham sido batizados pelo Espírito em um só Corpo. Imediatamente depois de instruir o povo em como observar a Ceia do Senhor no capítulo 11, Paulo diz no capítulo 12:2: “Vós bem sabeis que quando éreis gentios”. Agora, se era contra a lei um gentio participar da Ceia do Senhor, é evidente que Paulo está instruindo esses gentios a fazer algo contra a lei. Vamos ser honestos com o povo de Deus: Quem está errado neste ponto, o Apóstolo Paulo, ou aqueles que dizem que os gentios não têm o direito de participar da Ceia do Senhor? Temos o direito de nos chamar “paulinos”, se tomamos Paulo como um transgressor?

UMA CERIMÔNIA DA NOVA ALIANÇA

A segunda razão dada por não participar da Ceia é que “está relacionada com a Nova aliança”, e somos informados que, como essa aliança foi feita com a casa de Israel e a casa de Judá, os gentios não podem participar dela. Claro que sabemos que tanto a Velha como a Nova Aliança foram feitas com Israel,

mas não sabem esses irmãos que Paulo ensina em Romanos 3:19-21, que embora a Velha Aliança foi feita somente com Israel, ela foi dada por Deus para provar que todo o mundo gentio era culpado diante de Deus? Deus escolheu uma nação e deu a Sua Lei para provar que todas as nações eram culpadas, assim como um médico tira uma amostra de sangue para testar todo o sistema sanguíneo. Nós já demonstramos que Paulo ministrou o que representa o sangue da Nova Aliança aos gentios de Corinto, os quais eram membros do Corpo de Cristo. Em II Coríntios Paulo se autodenomina ministro da Nova Aliança e nos revela as gloriosas verdades da reconciliação (a qual na carta aos Romanos, ele demonstra ser o resultado da queda de Israel), e da Nova Criação, as quais são certamente parte integrante da verdade de Deus para essa dispensação. As bênçãos da Nova Aliança são de natureza espiritual, e Paulo diz aos gentios em Romanos 15:27, que eles eram participantes dos dons espirituais de Israel. Quais são os dons espirituais de Israel, senão as provisões da Nova Aliança? E quando Paulo afirma o que é o evangelho, isso é, que Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras, a que ele está se referindo, senão àquelas provisões que resultariam no derramamento de sangue da Nova aliança? Como podem os gentios ter recebido todos os dons sob o ministério de Paulo, se os gentios hoje não têm qualquer participação neles? Que sangue esses irmãos reivindicam para o perdão dos pecados? O único sangue que Cristo derramou foi o sangue da Nova aliança. Certamente Cristo não retornou à terra e derramou um pouco mais de sangue, que poderíamos chamar de sangue do “mistério”. Se um filantropo pudesse angariar muitos fundos para o tratamento de câncer em um determinado estado, e depois designasse que o fundo fosse usado em todos os estados da federação, as vítimas de câncer nesses estados recusariam ajuda porque o fundo foi primeiramente designado para um único estado? Pedimos que esses irmãos extremistas lembrem que toda a provisão para a nossa salvação foi feita por Cristo no Calvário, em cumprimento das Escrituras, anos antes do mistério ter sido revelado a Paulo.

Também erramos quando não distinguimos entre os aspectos doutrinários e dispensacionais da Nova Aliança. Na mesma epístola na qual afirma que Israel caiu e está cego, que a reconciliação do mundo gentio foi possível pela queda de Israel, e que os gentios tornaram-se participantes das bênçãos espirituais de Israel, Paulo também afirma que, dispensacionalmente, no que diz respeito a Israel, a Nova Aliança está suspensa até a plenitude dos gentios (Rm. 11:26,27). Mas se há algo realmente claro, é que neste mesmo momento Paulo estava ministrando a grande verdade doutrinária da Nova Aliança aos gentios, membros do Corpo de Cristo.

USA ELEMENTOS TERRENOS

A terceira razão porque supostamente é errado celebrarmos a Ceia do Senhor é: “Ela usa elementos terrenos”. Devemos estar mortos para os rudimentos do mundo (Cl. 2:20), buscar somente o que é do alto e não o que é terreno. Entretanto, há uma dupla confusão aqui: quanto aos termos terreno e mundano, e quanto a posição e a condição do cristão. A palavra mundo, ou cosmos, refere-se na Bíblia à ordem ou sistema mundial maligno. Uma pessoa mundana, é aquela que se conforma, ou toma a forma dessa presente era do mal. A palavra terra, por outro lado, refere-se à terra física, o planeta no qual vivemos, quer sejamos espirituais ou mundanos. Esses mesmos irmãos, que insistem que a Ceia do Senhor não deve ser praticada por usar elementos terrenos, se refletissem honestamente, constatariam que eles mesmos constantemente usam elementos físicos no serviço espiritual. A Bíblia que eles usam foi impressa em elementos terrenos; os prédios nos quais eles têm seus encontros são feitos de elementos terrenos; seus escritos e lições são feitos de elementos terrenos; os seus corpos, com os quais eles servem ao Senhor, são feitos de elementos terrenos - na verdade tudo o que eles usam, de um jeito ou de outro, é feito de elementos terrenos. Por que a Ceia do Senhor é discriminada como sendo inapropriada por usar elementos terrenos? Por que esses irmãos não são um pouco mais consistentes e param de usar completamente tudo que é terreno?

É verdade que Paulo nos alerta contra as ordenanças carnis, mas é evidente que a Ceia do Senhor não é uma ordenança carnal, pois ele não iria, em um livro, proclamar a Ceia do Senhor, e em outro, escrito no mesmo período, condenar tal ordenança. Paulo não condena as ordenanças carnis porque elas usam elementos terrenos, mas porque elas denotam uma obra inacabada. Mesmo a epístola aos Hebreus, escrita para mostrar o relacionamento de Israel com a Nova Aliança, mostra que uma das diferenças entre a Velha e a Nova Aliança é que a primeira se prendia somente a ordenanças carnis (Hb. 9:10), enquanto que a segunda não. Longe de ser uma ordenança carnal, a Ceia do Senhor é uma comemoração de uma obra completamente concluída.

Nós ridicularizamos a doutrina bíblica se falharmos em distinguir entre nossa posição e nossa

condição. É verdade que nossa posição diante de Deus é perfeita; é celestial; é inteiramente espiritual. Mas e nossa condição? Na melhor das hipóteses, é imperfeita, muitas vezes pecadora; é terrena; mais envolvida com o que é físico e material.

OUTRAS POSIÇÕES ULTRA-DISPENSACIONAIS

Os escritos de outros que ensinam que é errado observar a Ceia do Senhor nessa dispensação, foram examinadas e outras razões foram propostas. Alguns mestres da Bíblia reivindicam que, enquanto é verdade que o Corpo de Cristo começou historicamente com Paulo antes de ele escrever sua primeira epístola (e isso é o que cremos), havia, durante a última parte do período de Atos, duas ordens em operação - uma para os judeus e outra para os gentios - e que os gentios, naquela época, eram chamados filhos de Abraão e instruídos a guardar a Ceia do Senhor. Mas no fim do livro de Atos, afirmam, esses gentios deixaram de ser filhos de Abraão; a sua relação com a Nova Aliança foi quebrada, e portanto eles não tinham o direito de continuar com a Ceia do Senhor. Mas, se isso for verdade, certamente esperamos encontrar alguma referência a uma grande mudança nos últimos escritos de Paulo. Mas encontramos? Não há nenhuma palavra nas epístolas da prisão afirmando que os gentios, membros do Corpo de Cristo, não mais têm qualquer relação com o sangue da Nova Aliança, ou que, estando em Cristo, não são mais filhos de Abraão, como eram em Gálatas, ou que não mais devem praticar a Ceia do Senhor. Quanto ao batismo, já dissemos que, tanto as epístolas pré-prisão quanto as da prisão indicam mudança e mostram que há um só batismo para nós. Mas não há o menor vestígio de mudança em relação à Ceia do Senhor.

Outra razão que tem sido apresentada é que algumas versões de I Coríntios 11:20 afirmam “**quando, portanto, nos reunimos, é impossível comer a ceia do Senhor**”, e portanto, como era impossível aos Coríntios comer a ceia do Senhor, deve ser impossível para nós também. Isso, é claro, é um argumento superficial. Paulo não afirma que era impossível comer a ceia do Senhor, mas que era impossível, aos Coríntios, nas condições em que eles se encontravam. Se fosse impossível a alguém comer a ceia, por que, então, Cristo teria dito a Paulo para instruir os membros do Corpo de Cristo a fazê-lo?

Outra razão mencionada para não se observar a ceia do Senhor, é que o Corpo de Cristo só teria começado após Atos 28:28, e como as epístolas de Paulo pré-prisão não são endereçadas aos membros do Corpo de Cristo, I Coríntios não é para a nossa obediência. E como a ceia não é mencionada nas epístolas da prisão, é evidente que não temos participação nela. De todas as teorias que têm sido propostas, esta é a que apresenta as razões mais superficiais. A mesma carta na qual Paulo instrui sobre a observância da Ceia, contém essa afirmação: “**Ora, vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, membros desse corpo**” (12:27). É claro que esses mestres sabem muito bem que este versículo se encontra em I Coríntios, mas por invalidar a sua teoria, eles tentam explicar a direta afirmação de Paulo, dizendo que este não é “O” Corpo de Cristo, mas somente “UM” corpo. Eles dizem que o artigo definido não aparece aqui, e portanto deve ser traduzido como “um” corpo. Dr. Bullinger, que ensinou que a ceia não é para nós hoje, pelo menos foi honesto em mostrar porque Paulo não usou o artigo definido. Ele afirma em sua Bíblia comentada: “*não há artigo, porque SOMA (corpo) é o predicado*”. É impossível entender como alguém pode ser sincero em manejar a Palavra de Deus, se ensina que os Coríntios não eram membros do Corpo de Cristo, quando praticamente todo um capítulo é devotado para mostrar o fato que eles eram e como eles se tornaram membros.

A CEIA DO SENHOR É PARA NÓS

Nada encontramos, em conexão com a observância bíblica da Ceia do Senhor, que sob qualquer circunstância seja contrária à dispensação da graça de Deus. Claro, se interpretamos a Ceia de acordo com o denominacionalismo tradicional, que faz da ceia um meio de graça pelo qual recebemos a remissão dos pecados, ou um sacramento que transforma os elementos literalmente no corpo e sangue de Cristo, então ou devemos não mais praticá-la ou devemos desistir da graça de Deus. Mas não temos que fazer nenhuma das duas coisas. Devemos simplesmente esquecer das tradições dos pais da igreja e nos agarrar às claras instruções da Palavra. Ao fazer isso, descobriremos os seguintes fatos:

1. A Ceia é parte integral da comissão de Paulo aos gentios;
2. Não há um tempo certo, ou maneira especial ou qualquer ritual em conexão com ela.
3. Não há qualquer transformação mágica dos elementos, nenhuma idéia de um meio sacramental para se alcançar graça, e nenhum mérito em observá-la;

4. É feita por um único motivo: **“faça isso em memória de mim”**;

5. Não há promessas de visões, experiências de êxtase ou qualquer reação emocional (mencionamos isso porque algumas pessoas argumentam que a Ceia não deve ser para hoje porque nunca tiveram qualquer experiência emocional ao participar dela);

6. Deve-se observá-la **“até que ele venha”**. É evidente que não será observada depois que Ele vier. Se não há lugar para praticá-la hoje, nunca houve ou haverá lugar para praticá-la;

7. Possui uma relação muito especial com as verdades relativas ao Corpo, pois em I Coríntios 10 Paulo diz aos membros do Corpo de Cristo: **“Não é o cálice de bênção, que abençoamos, a comunhão do sangue de Cristo? E não é o pão que partimos a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão”**. A falha em discernir esse fato, foi responsável, grandemente, pela “participação indigna” dos Coríntios. Paulo ensinou que o participar de um pão significa que somos membros de um corpo. Portanto, se alguém falha em discernir o corpo, ele bebe e come condenação para si. Isso era exatamente o que os Coríntios estavam fazendo. Eles falharam em discernir o fato de que eles eram todos membros de um corpo. Os ricos se esbaldavam, indo ao extremo de se banquetear e se embriagar, enquanto os pobres eram negligenciados e até ficavam com fome. Isso representava insultar a verdade do Corpo e desdenhar a morte de Cristo. Não é de se admirar que o Senhor mostrou Seu descontentamento repreendendo esse povo. O pão e o vinho eram símbolos do corpo e sangue de Cristo, mas podemos desonrar o Senhor se usamos erroneamente esses símbolos, do mesmo modo que desonramos nossa nação se manchamos nossa bandeira na lama, pois ela é o símbolo do que somos como brasileiros

O Que Nós Cremos...

Sobre O Batismo

“Todos os salvos foram feitos membros do Corpo de Cristo através de um batismo divino (I Co. 12:13). Por esse único batismo, todo membro do Corpo de Cristo é identificado com Cristo na Sua morte, sepultura e ressurreição”.

Praticamente todo cristão evangélico concordaria com nossa declaração doutrinária sobre o batismo até esse ponto. Mas a maioria desses cristãos afirma haver dois batismos para os membros do Corpo de Cristo nessa dispensação: O batismo espiritual, que nos faz membros do Corpo de Cristo, e o batismo com água, cujo propósito tem causado grande confusão e diferença de opinião. Nossa declaração, entretanto, continua:

“À luz de Efésios 4:5 que afirma, ‘...há um só batismo’, das declarações sobre o batismo contidas em Colossenses 2:12 e Romanos 6:3,4, e da declaração de Paulo em I Coríntios 1:17, ‘Cristo enviou-me não para batizar, mas para evangelizar’, concluímos que não há lugar para o batismo com água no programa espiritual de Deus para o Corpo de Cristo na presente era da Graça”.

Sendo que muito já foi escrito por pessoas que partilham da nossa doutrina, tratando exaustivamente dos diversos batismos citados na Bíblia, o nosso propósito aqui não será expor as mais de cem passagens bíblicas que falam no assunto, mas sim explicar a declaração que acabamos de fazer.

FATOS BÁSICOS SOBRE O BATISMO

Há vários fatores básicos a entender para que possamos compreender inteligentemente essa doutrina. O primeiro é que o batismo não é uma cerimônia singular ao Novo Testamento. Porque o termo batismo não aparece no Velho Testamento em português, muitos são levados a acreditar que é algo novo, dado por Deus à igreja no Novo Testamento e portanto seria ridículo pensar que Cristo daria essa ordenança para logo depois reincidi-la. Tais pessoas aceitam que comandos, leis e ordenanças, dadas a Israel através de Moisés, foram reincididos nesta presente dispensação, mas não o batismo, pois o batismo seria uma nova ordenança dada por Cristo à Sua Igreja. O fato é que o batismo é uma ordenança do Velho Testamento, dada a Israel através de Moisés e usada por João Batista e pelos Apóstolos, assim como muitas outras práticas judaicas. Hebreus 9:10 afirma que no Velho Testamento as ordenanças não passavam de comidas, bebidas e várias abluções (grego - baptismos), todas elas, ordenanças carnis. O batismo não era novidade para os judeus. A sua religião, dada por Deus, estava literalmente saturada com batismos, aos quais eles ainda adicionaram alguns de sua própria criação. Quando João começou a batizar, os judeus não perguntaram o que aquela nova e estranha cerimônia significava. Eles sabiam o que era, e somente questionavam: **"Por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? João respondeu: Para que Ele [Cristo] fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água"** (Jo. 1:25,31). O termo batismo não aparece nas versões em português do Velho Testamento porque “batismo” é a transliteração de uma palavra grega, e o Velho Testamento foi escrito em hebraico. A última palavra endereçada aos judeus sobre o assunto, encontra-se em Hebreus 6:1,2, que nos exorta a deixar para trás os princípios elementares e a prosseguir para a maturidade, não lançando novamente o fundamento do ensino sobre batismos.

O BATISMO NUNCA FOI UMA ORDENANÇA FACULTATIVA

Devemos entender também que quando o batismo fazia parte do programa de Deus para o Seu povo escolhido Israel, não era facultativo, com o qual alguém podia ou não concordar. Era um imperativo. Sua prática era tão necessária para a purificação e o perdão dos pecados, quanto os sacrifícios e o derramamento de sangue. Até mesmo durante o ministério de Cristo, o povo era instruído a trazer sacrifícios e a obedecer o que Moisés havia ordenado, o que, como já demonstramos, incluía o batismo com água. Hoje, muitos que praticam o batismo, afirmam que ele não é essencial, que não tem relação com a salvação ou o perdão dos pecados. Essas pessoas deveriam pesquisar as suas Bíblias para ver se encontram esse tipo de batismo. Conhecem o bastante sobre a dispensação paulina da graça de Deus para saber que nenhum esforço humano pode ser associado à nossa salvação, mas continuam apegadas a um esforço religioso, desvirtuando seu real significado, e criando justificativas para a sua prática. Outros apegam-se a esta cerimônia do Velho Testamento, assumindo o seu significado Escriturístico, ou seja, fazendo-a essencial para a salvação, e portanto negando a posterior revelação a respeito da justificação completamente independente das obras

da lei. Se alguém professa crer na salvação pela graça através da fé, sem as obras da lei, e ainda pratica o batismo, sugerimos que leia atentamente essas passagens bíblicas: Marcos 16:16 - "**Quem crer e for batizado será salvo**"; Atos 2:38 - "**Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados. E recebereis o dom do Espírito Santo**".

O USO FIGURATIVO DO BATISMO

É necessário observar também, que o termo batismo é usado nas Escrituras tanto literal como figurativamente. Na verdade, dos doze tipos de batismos mencionados na Bíblia, somente cinco deles têm relação com água. Da mesma forma, batismo nunca significa sepultamento. Quão estranha é a idéia que quando Cristo batizou com o Espírito Santo Ele estava sepultando as pessoas; ou que quando o Espírito Santo nos batiza no Corpo de Cristo Ele está nos sepultando na Igreja; ou que quando Cristo batizar com fogo ele sepultará as pessoas no fogo; ou que quando Israel foi batizado em Moisés eles foram sepultados em Moisés; ou que quando os vários batismos da lei foram praticados os judeus foram sepultados; ou que quando os judeus batizavam suas camas e utensílios antes de comer eles os sepultavam; ou ainda, que quando João batizou a Cristo para cumprir toda a justiça ele sepultou a Cristo;. Sepultamento é completamente incompatível com o significado e uso do batismo. Mesmo assim, um grande segmento de cristãos evangélicos reivindica que batismo significa sepultamento, e, como sepultamento significa estar completamente debaixo da terra, eles têm que ser totalmente imersos na água para serem batizados. Evidentemente eles tiraram este conceito de Romanos 6:3,4 e Colossenses 2:12. Entretanto, essas passagens não afirmam que somos sepultados em água, nem que o batismo é um sepultamento, mas sim que fomos sepultados com Cristo pelo batismo em sua morte. Fomos crucificados com Cristo, ressurretos com Cristo, exaltados com Cristo e posicionados com Cristo. Nos tornamos tão identificados com Cristo quando o Espírito nos batiza, que podemos afirmar que, quando Cristo foi crucificado, fomos crucificados com Ele; quando Cristo foi sepultado, fomos sepultados com Ele; quando Ele ressuscitou, ressuscitamos com Ele. Se fomos sepultados COM Cristo, isto aconteceu quando Cristo foi sepultado. Cristo foi sepultado, não em água, mas em um túmulo na rocha. Em Seu sepultamento, Ele não foi mergulhado em água. Seu corpo foi colocado em uma caverna na qual qualquer um de nós poderia entrar. As Escrituras afirmam que o cristão foi sepultado com Cristo no túmulo de José de Arimatéia. Certamente não há, nessas grandes passagens doutrinárias, a mais remota referência a uma cerimônia realizada por homens. Elas se referem à grandiosa obra do Espírito de Deus, nos posicionando em Cristo como membros do Seu Corpo.

Quando usado literalmente, isto é, quando água é usada, o batismo sempre surge a idéia de purificação, limpeza e perdão de pecados. Certamente todos os batismos do Velho Testamento eram para purificação. Os batismos tradicionais judeus antes das refeições eram uma cerimônia de purificação. O batismo de João e o que foi praticado pelos apóstolos em Pentecostes, certamente foi para o perdão de pecados. Quando Paulo foi salvo, foi batizado para remissão de pecados. E quando João estava batizando em Enom, surgiu uma discussão entre os seus discípulos e os judeus, não sobre sepultamento, mas sobre purificação (Jo. 3:25).

PAULO NÃO FOI COMISSIONADO A BATIZAR

Com estes fatos básicos sobre batismo em mente, estamos melhor preparados para examinar os ensinamentos de Paulo, os quais defendemos veementemente. Cremos que a afirmação de Paulo em I Coríntios 1:17: "**Pois Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar**", prova que o batismo com água não fazia parte da singular comissão a ele confiada pelo Cristo ressurreto. Certamente nenhum dos doze podia honestamente afirmar, "Cristo enviou-me não para batizar", não importando a condição espiritual da igreja. Mas Paulo batizou alguns, assim como ele circuncidou alguns, e incentivou outros a observar os costumes mosaicos. Ele praticou todas essas coisas, como qualquer judeu cristão, pois elas ainda faziam parte do programa de Deus quando da sua salvação. Somente quando o seu ministério passou dos judeus para o grande mundo gentio, lhe foi revelado que o batismo não fazia parte de sua comissão.

APENAS UM BATISMO PARA HOJE

É evidente que durante o livro de Atos pelo menos dois, e talvez três batismos diferentes eram praticados: o batismo com água, praticado pelo doze para remissão de pecados; o batismo de Cristo, batizando com o Espírito Santo em Pentecostes e em Atos 10; e o batismo do Espírito Santo, batizando no Corpo de Cristo. Mas em Efésios 4:5, Paulo declara que há UM só batismo. O que isto significa? Como já afirmamos anteriormente, Paulo tinha muito a dizer sobre um importante batismo. O batismo de Romanos

6:3,4; Gálatas 3:27; I Coríntios 12:13; Colossenses 2:12, é a uma importante e essencial verdade da revelação paulina. A afirmação que o batismo com água não fazia parte da revelação a ele confiada, procede do próprio Paulo. Portanto, há somente uma resposta lógica para a pergunta: A que UM batismo ele se refere? Certamente não é o batismo com água. Cremos ser o batismo no Espírito, o qual nos identifica com Cristo como membros do Seu Corpo. Mas é estranho que muitos, como por exemplo I.M. Haldeman, reconhecendo a inconsistência de crer em dois batismos, quando Paulo afirma que há somente um, tomaram um rumo contrário, afirmando que o batismo no Espírito ficou no passado, e que o único batismo para a igreja hoje é o batismo com água. Como não podemos aceitar matematicamente que dois é igual a um, e como, evidentemente, não podemos descartar a poderosa obra do batismo no Espírito, o qual é uma das principais características dessa dispensação, substituindo-o com um remanescente da Dispensação da Lei, e como Paulo é explícito na sua declaração que Cristo não o enviou para batizar, e como a revelação do mistério para esta dispensação da graça de Deus foi comissionada a Paulo, e como entre aqueles que praticam o batismo há tanta controvérsia e divisão, estamos convencidos que o UM batismo, vital para manter a unidade do Espírito, é o batismo pelo Espírito.

Sem dúvida, aqueles que fazem do batismo com água o coração e centro do Cristianismo, crêem que estamos nos empobrecendo ao abrir mão de tal prática. Mas, perguntamos: Alguém fica pobre por rejeitar um cheque e pegar uma barra de ouro? O batismo com água nada mais era do que sombra de algo melhor. Abrimos mão da sombra, mas retemos o real - o Batismo Real. Evidentemente, todos os salvos possuem este Batismo Real. Entretanto por não saber disso, muitos reduzem a sua glória e nunca experimentam o seu poder, pois o substituíram por uma cerimônia humana, pela qual buscam bênçãos espirituais. Queremos, assim como Paulo, fazer conhecido a todos os homens a dispensação do mistério, para que todos possam conhecer o seu poder.

O Que Nós cremos...

Sobre As Últimas Coisas

Neste capítulo, trataremos três artigos de natureza escatológica: Ressurreição, Segunda Vinda de Cristo, e o Estado dos Mortos Não Salvos.

RESSURREIÇÃO

"Jesus Cristo ressuscitou fisicamente dentre os mortos (Lc. 24:39-43). Portanto (I Co. 15:21), todos ressarão fisicamente (At. 24:15): os salvos para a glória eterna e os não salvos para a punição eterna (Jo. 5:29 ; Ap. 20:11-15)".

Sendo que próximo artigo da nossa declaração doutrinária trata dos vários aspectos da Segunda Vinda de Cristo, os quais são essenciais para uma completa compreensão do assunto da ressurreição, é apropriado citá-lo agora.

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

"O arrebatamento da Igreja e a segunda vinda de Cristo serão pré-milenares. Ele virá primeiramente para receber a Igreja para Si (I Ts. 4:13-18 ; Fl. 3:20,21) e depois para estabelecer o Seu Reino Milenar, sobre o qual reinará (Zc. 14:4,9 ; At. 1:10,11 ; Ap. 19:11-16 ; 20:4-6). Por causa da natureza do Corpo de Cristo, a ressurreição e o arrebatamento da Igreja, que é o Seu Corpo, acontecerão antes da Grande Tribulação (Jr. 30:7; Mt. 24:15-31), quando Ele se manifestar nos ares (I Ts. 4:13-18 ; Fl. 3:20,21; Tt. 2:13,14 ; I Co. 15:51-53). A ressurreição de todos os outros salvos ocorrerá depois da Tribulação (Ap. 20:4-6)".

Em qualquer dispensação, o fundamento para a esperança é a ressurreição de Jesus Cristo. É o testemunho consistente de Paulo durante a última metade do livro de Atos, que a ressurreição de Cristo é a esperança de Israel (At. 28:20; 24:14,15 ; 26:6-8,23). Ao escrever para os membros do Corpo de Cristo, ele afirma que sem a ressurreição de Cristo, não temos esperança (I Co. 15:12-19). Pedro afirma que fomos gerados de novo para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo (I Pe. 1:3). Portanto, pecador, sob a condenação e a penalidade do pecado, está absolutamente sem esperança senão pela ressurreição de Cristo, seja qual for a dispensação na qual ele viva.

DUAS FASES DA SEGUNDA VINDA

Cremos que há duas fases distintas da vinda de Cristo. Ele voltará primeiramente, de acordo com I Tessalonicenses 4:13-18 e I Coríntios 15:51,52, para os membros do Corpo de Cristo, e então, depois da Grande Tribulação, Ele voltará para a terra como Rei dos reis para estabelecer Seu reino Milenar. Nós rejeitamos, por um lado, a posição dos não-dispensacionalistas que ensinam uma ressurreição e julgamento gerais, tanto de salvos como de não salvos; e por outro lado, rejeitamos os ensinamentos dos ultra-dispensacionalistas que o arrebatamento de I Tessalonicenses 4:13-18 não é para o Corpo de Cristo.

ARREBATAMENTO SOMENTE PARA O CORPO DE CRISTO

Mesmo não querendo dogmatizar, aparentemente só os membros do Corpo de Cristo serão arrebatados em cumprimento a I Tessalonicenses 4. Por ser um mistério, e ser composta por cristãos não previstos pelas Escrituras proféticas, devemos concluir que a ressurreição dos justos que foi profetizada será um evento diferente da não-profetizada ressurreição da Igreja. É realmente sobre essas bases que se evidencia um arrebatamento pré-tribulacional do Corpo de Cristo. O que é chamado de primeira ressurreição em Apocalipse, certamente acontecerá depois da tribulação, pois especificamente inclui aqueles que foram martirizados durante a tribulação (Ap. 20:4). Muitos pré-milenistas, não reconhecendo a singular revelação confiada Paulo, e portanto não reconhecendo a diferença entre o arrebatamento e a primeira ressurreição de Apocalipse, afirmam que a igreja passará pela tribulação.

A esperança da qual Paulo fala aos cristãos em todas as suas epístolas, é da vinda de Cristo dos céus (Fl. 3:20), nas nuvens (I Ts. 4:17) para levar em glória cada membro do Corpo de Cristo, sejam mortos ou vivos. Essa vinda do Senhor é iminente, isto é, não depende do cumprimento de nenhuma profecia. Acontecerá antes da tribulação. É um acontecimento separado e distinto da vinda de Cristo para a terra, como foi predito no Velho Testamento, nos Evangelhos e em Apocalipse. A segunda vinda de Cristo

acontecerá no final da tribulação. Ele julgará as nações e estabelecerá o seu reino Messiânico, onde todas as promessas a Israel e as outras nações através dela, se cumprirão. Este reino não é definitivo, pois durará apenas mil anos. Será substituído pelo estado final, descrito no próximo artigo da nossa declaração doutrinária:

O ESTADO DOS MORTOS

"Em nenhum lugar as Escrituras estendem a esperança de salvação aos mortos não-salvos. Pelo contrário, revela que eles existirão para sempre em um estado de sofrimento consciente (Lc. 16:23-28; Ap. 14:11; 20:14,15; Cl. 3:6; Rm 1:21-32; Jo. 3:36; Fl. 3:19; II Tes. 1:9). São totalmente contrários as Escrituras e doutrinariamente perigosos, ensinamentos como, o universalismo, o purgatório, a aniquilação dos mortos não-salvos e o estado de inconsciência dos mortos salvos e não-salvos."

Após o reino Milenar, quando Satanás for solto do abismo e enganar novamente as nações, Deus destruirá a terra com fogo. Então todos os mortos não-salvos (e todos os não-salvos estarão mortos), serão ressuscitados para o julgamento do grande trono branco. Eles serão condenados e lançados no lago de fogo, que é a segunda morte. Deus então criará novos céus e nova terra onde reinará a justiça. Este será o estado final, até onde as Escrituras nos revelam - os não-salvos em um estado de sofrimento consciente na segunda morte, e os salvos em um estado consciente de bênçãos com o Senhor, no novo céu e na nova terra.

ANIQUILACIONISMO É ANTI-BÍBLICO

Rejeitamos qualquer teoria que nega a consciência do homem no estado da morte, seja na primeira ou na segunda morte. Tal ensinamento invariavelmente resultará no ensino da aniquilação do ímpio, e na verdade faz do julgamento de Deus aos ímpios a cessação de seu futuro. cremos que qualquer pecador sem Deus ficaria feliz com a perspectiva de ser aniquilado misericordiosamente e sem sentir dor, ao invés de padecer eternamente, o sofrimento da segunda morte. A morte nunca é apresentada nas Escrituras como um estado de não-existência. No passado, estávamos mortos em delitos e pecados, mas existíamos. Aquele que vive em prazer está morto, mesmo vivendo, mas existe. Lázaro estava morto mas continuava a existir. Cristo morreu, mas continuou a existir. Moisés morreu, mas continuou a existir, tendo aparecido no Monte da Transfiguração. Estar ausente do corpo, é estar presente com o Senhor. Se os salvos continuam a existir após a morte, assim acontece também com os não-salvos. O homem rico certamente continuou a existir depois da sua morte. O ímpio continuará a existir após a morte, pois será lançado no lago de fogo e será punido dia e noite pelos séculos dos séculos.

Rejeitamos também a idéia de um purgatório após a morte. Não há qualquer referência nas Escrituras que apoie tal doutrina. Ela implica que o homem não teve uma chance justa nessa vida. Isso permite a alguém crer que pode viver irresponsável e desregradamente, pois terá uma segunda chance em circunstâncias bem mais favoráveis, e poderá então ser salvo nessa outra vida. A Palavra de Deus é clara - é dado ao homem morrer uma única vez, e depois disso o juízo - não uma segunda chance. Hoje - não em uma outra vida - é o dia da salvação.

RECONCILIAÇÃO UNIVERSAL É ANTI-BÍBLICA

Rejeitamos também o ensinamento de reconciliação universal. Não cremos que Deus criou o diabo e forçou o homem a pecar, sendo portanto moralmente obrigado a salvar Satanás, seus anjos caídos e a toda a humanidade. Universalistas crêm e ensinam que depois da segunda morte e depois do novo céu e da nova terra (apesar de em nenhum lugar a Bíblia descrever esse evento), Deus vivificará todos os mortos que por séculos deixaram de existir, reconciliará todos eles, incluindo Satanás e seus anjos, e então todos finalmente serão salvos. Para essas pessoas, o julgamento dos ímpios no lago de fogo e a segunda morte são analogias de uma mãe que coloca o filho desobediente mais cedo na cama, mas depois o acorda para desfrutar de todos os privilégios da casa.

Apesar de falar muito de graça e atrair a mente natural com o sua apresentação de Deus como aquele que levará a culpa de todos os pecados (porque Ele é verdadeiramente o culpado), na verdade zombam da graça. Se Deus está na obrigação de salvar o homem, não há, portanto, graça em Deus fazer o que é de direito do homem. cremos que Deus teria sido justo se tivesse deixado a humanidade para sempre em sua condição de perdição sem providenciar-lhe salvação. Mas cremos que, por Sua infinita graça e misericórdia, Ele concedeu uma provisão universal para a salvação do homem, mas que a experiência dessa salvação é limitada àqueles que crêm no evangelho.

O Que Nós Cremos...

Sobre A Missão E A Comissão Da Igreja

O artigo que conclui nossa declaração doutrinária, lida com a missão e a comissão da igreja.

MISSÃO

“A missão e comissão da Igreja, o Corpo de Cristo, é proclamar a mensagem de reconciliação (II Co. 5:14-21) e esforçar-se para fazer conhecida a todos a Dispensação do Mistério (Ef. 3:8,9). Nisto devemos seguir o Apóstolo Paulo (I Co. 4:16; 11:1; Fl. 3:17; I Tm. 1:11-16). A singular mensagem que o Apóstolo aos gentios (Rm. 11:13; 15:16) chama ‘meu evangelho’ (Rm. 2:16; 16:25) é também denominada de ‘o evangelho da graça de Deus’ (At. 20:24). Nós, como Paulo, devemos pregar toda a Palavra de Deus à luz do Evangelho (II Tm. 4:2; Gl. 1:8,9) e lutar para alcançar pessoas nos lugares onde o nome de Cristo ainda não foi pregado (Rm. 15:20; II Co. 10:16)”

A declaração acima pode parecer estranha para muitos cristãos, porque não contém nenhuma referência à chamada “Grande Comissão,” encontrada no final dos evangelhos de Mateus e Marcos. Não cremos que essas passagens contém a comissão para o Corpo de Cristo. Cremos, entretanto, que nossa comissão tem algo em comum com a chamada “Grande Comissão”: é mundial em caráter. De fato, possui uma abrangência mundial que as comissões de Mateus e Marcos nunca possuíram. É significativo, que o primeiro esforço conjunto em nossa comunhão de igrejas, foi a organização de uma sociedade missionária intitulada “Worldwide Grace Testimony” (Testemunho Internacional da Graça), o que demonstra, que a comissão que seguimos é a mesma que motivou o grande apóstolo dos gentios a alcançar regiões onde Cristo ainda não era conhecido.

A GRANDE COMISSÃO NÃO É PARA NÓS

Há várias razões porque não cremos que as comissões de Mateus e Marcos sejam para nós hoje. A primeira diz respeito ao evangelho em si - isto é, a mensagem de boas novas que Deus nos deu para proclamar ao mundo perdido. Quando Cristo disse aos onze: **“Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”**, Ele certamente pretendia que eles pregassem o único evangelho que conheciam, isto é, o evangelho do reino. É evidente que eles nada sabiam a respeito do evangelho da graça de Deus, revelado posteriormente a Paulo pelo Cristo glorificado. Fica claro, ao compararmos Lucas 9:6 com Lucas 18:31-34, fica claro que os Doze estavam pregando um “evangelho” quando ainda eram completamente ignorantes do fato que Cristo iria morrer e ressuscitar dos mortos. Há, portanto, uma grande diferença entre a mensagem deles e a nossa hoje, pois certamente ninguém, em nossos dias, pode pregar o evangelho sem pregar a morte, sepultura e ressurreição de Cristo.

Quando a chamada “Grande Comissão” foi dada, os Onze conheciam a verdade sobre a morte e ressurreição de Cristo, e Pedro a proclamou em Pentecostes. Entretanto, há uma diferença entre a mensagem deles e a nossa: Pedro pregava a morte e ressurreição de Cristo não como a base de um evangelho ou boas novas, mas como a base de culpa e condenação: “... Tomando-o vós, o crucificastes, e matastes pelas mãos de injustos.” “O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu filho Jesus, a quem vós entregastes, e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homicida. Matastes o Autor da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas.” (At. 2:23b; 3:13-15). Pregamos a morte de Cristo como boas novas; Pedro a pregava como “tristes” novas, e mais tarde disse que, se Israel se arrependesse do seu crime, Deus os perdoaria e mandaria Jesus de volta para cumprir as promessas de estabelecer seu glorioso reino terreno. A mensagem de Pedro não foi, “Cristo morreu pelos seus pecados”, mas, “Arrependam-se e sejam batizados para a remissão de pecados”.

CONTÉM O EVANGELHO DO REINO

Claramente, no sermão de Pedro em Atos 3, ele estava pregando o evangelho do reino, pois esse era o único evangelho que Deus havia revelado até ali, a saber, as boas novas que Deus mandaria o Seu Filho de volta à terra, para cumprir tudo o que fora predito pelos profetas. Sabemos que Deus cumprirá essas promessas, e isto certamente representa boas novas, mas sabemos também que este não é o evangelho que

Deus quer que proclamemos aos perdidos hoje. Mas este foi o evangelho que Cristo comissionou aos Onze a pregar, na chamada “Grande Comissão”.

Paulo refere-se à mensagem de Pedro como o evangelho da circuncisão. Ele o chama assim, pois era uma mensagem baseada nas promessas que Deus fez a Abraão no pacto da circuncisão. Paulo refere-se à sua própria mensagem como o evangelho da incircuncisão, porque não tem qualquer ligação com o pacto da circuncisão. Retrocedia a antes da circuncisão, a Abraão, um incircunciso gentio, justificado pela fé, independentemente da circuncisão, da lei e do batismo.

REQUER O BATISMO COM ÁGUA

Outra objeção a aplicar a Grande Comissão para nós hoje, é que, naquela comissão, o batismo com água é claramente um pré-requisito ao perdão de pecados. “Quem crer e for batizado será salvo...” (Mc. 16:16a). “... Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados...” (At. 2:38). Já ressaltamos o fato que arrependimento e batismo com água eram fatores importantes no evangelho do reino, ou no evangelho da circuncisão. Não cremos que o evangelho de Paulo continha esses aspectos. Isto não quer dizer que Paulo não conclamou os homens ao arrependimento, pois sabemos que ele o fez (At. 20:21). Todos nós cremos que a fé em Jesus Cristo envolve uma mudança de mente, mas Israel foi chamada a arrepender-se da rejeição e assassinato do seu Messias. O assunto de batismo com água e sua relação com o evangelho do reino, foi vastamente discutido previamente neste livro.

INSEPARAVELMENTE RELACIONADA A SINAIS

Uma outra objeção em aplicar essa comissão para nós, é o fato de ela conter alguns sinais “comprovações”, os quais, desde Atos 28, não mais acompanham a pregação do evangelho da graça: “E estes sinais hão de seguir os que crerem: Em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e quando beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal algum; imporão as mãos sobre enfermos, e os curarão” (Mc. 16:17,18). Hoje, muitos pentecostais tentam comprovar que estão pregando o evangelho do reino ao invés do evangelho da graça de Deus. Eles afirmam expulsar demônios, falar em línguas e curar os enfermos, e ocasionalmente ouvimos reivindicações de ressurreição de mortos. Qualquer pessoa que investigar cuidadosamente estas afirmações, se convencerá que os resultados nada mais são do que falsificações dos sinais realizados nos tempos apostólicos. Não há dúvida que os sinais que acompanhavam a pregação do evangelho do reino, eram um prenúncio dos poderes que viriam com o Reino Milenar (Hb. 6:5). O propósito dos sinais era provar que os apóstolos possuíam uma mensagem com a necessária autoridade para introduzi-los no reino Milenar e para produzir as radicais mudanças na natureza que venceriam enfermidades e até mesmo a morte. Mas, nessa presente dispensação, o nosso evangelho não contém nenhuma promessa de livramento desses males universais. Pelo contrário, Paulo afirma que toda a criação “geme e suporta angústias até agora”, e isso refere-se não somente ao universo material, “...mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.” (veja Rm. 8:18-25).

BASEADA NA PRIORIDADE DE ISRAEL

Além dessas três objeções básicas - (1) que o evangelho da Grande Comissão é o evangelho do reino, (2) que o batismo com água e um arrependimento peculiar (de ter crucificado o Messias) são requisitos para o perdão de pecados, (3) que é acompanhado pelos dons de sinais preparatórios para o estabelecimento do reino Messiânico aqui na terra - há um outro fator referido no segundo parágrafo desse capítulo. Essa Grande Comissão teve um caráter universal, mas devemos reconhecer que não era universal no sentido de que todos os homens eram tratados sem distinção. No evangelho do reino, Israel, como nação, deveria ter preferência sobre as outras nações. É por isso que, quando Cristo estava na terra, o evangelho alcançou somente Israel. É por isso que Cristo disse aos Doze para começar em Jerusalém e evangelizar a Judéia e a Samaria antes de ir aos gentios. Sob o evangelho da Grande Comissão Israel tinha prioridade sobre as outras nações. Mas sob o evangelho de Paulo, não há tal distinção. Ele diz claramente que em sua mensagem: “...não há diferença entre judeu e grego...” O evangelho de Paulo é manifestado “...a todas as nações para obediência da fé” (Rm. 10:12; 16:26). A comissão do Corpo de Cristo, é verdadeiramente universal, sem distinção, ao contrário do que era o evangelho do reino.

É natural que todo aquele que segue a Paulo deve ter uma mente missionária, pois Paulo foi o maior missionário que já viveu neste mundo. Ele deve ser um evangelista, pois Paulo não somente foi o instru-

mento humano pelo qual Cristo revelou o Seu evangelho da graça, mas ele foi o maior evangelista que o mundo conheceu. Deve ser também alguém que se entrega ao serviço sem egoísmo e incansavelmente, pois Paulo foi um exemplo vivo dessas atitudes. E ele deve ter um coração de grande amor para com o seu Salvador e seus compatriotas, pois para Paulo, o viver era Cristo, e ele tornou-se tudo para com todos, para de alguma forma ganhar alguns.

A igreja desta dispensação, e principalmente dessa geração, precisa acordar para o fato que sua comissão está claramente descrita nas Escrituras paulinas. “Deus... Nos confiou a palavra de reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamos-vos da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus” (II Co. 5:19,20). Frustramos os propósitos e a obra de Deus, quando tentamos cumprir a chamada “Grande Comissão”. Não perderemos o nosso fervor evangélico, nossa visão missionária ou nosso amor pelas almas por seguirmos Paulo e deixarmos a comissão do reino para o reino, como é propósito de Deus. Não perdemos nada - só as confusões e enganos tão presentes hoje em dia; mas ganhamos tudo.